1290001017
IE
TCC/UNICAMP F225d

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ECONOMIA

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E URBANIZAÇÃO: ESTUDO DE CASO DO MUNICÍPIO DE BAURU-1960/85

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
UNIC-MP
INSTITUTO DE ECONOMIA

Pesquisador: César Augusto Cardoso de Faria

Orientador: Prof. Ulysses Cidade Semeghini

CAMPINAS-1988

ÍNDICE

PARTE I

		PAG.
1 -	A Economia Paulista até 1960.....	1
2 -	A Economia Paulista no período de 60-80....	5
3 -	A Região de Bauru até 1960.....	11
4 -	Bauru de 1960 a 1980.....	15
5 -	O município de Bauru.....	18

PARTE II

6 -	A expansão da malha urbana.....	24
7 -	Tendências dos anos 80.....	32
8 -	Conclusão.....	44
	Apêndice Estatístico.....	47
	Bibliografia.....	63

PARTE I

1 - A ECONOMIA PAULISTA ATÉ 1960

A atividade cafeeira iniciada na região do vale do Paraíba passa a expandir-se pelo oeste paulista em meados do século XIX, pois aí não enfrentaria restrições de terras, contando com vantagens de solo, clima e topografia, o que, aliado ainda à adoção de técnicas mais eficientes proporcionaria uma produtividade física - maior.

As dificuldades para expansão dos cultivos, dada pelo - custo de transportes entre zonas produtivas e ponto de embarque, - seriam resolvidas com a expansão ferroviária. A ferrovia tornou-se um dos mais importantes componentes do complexo cafeeiro, pois além de realizar o escoamento da procução, promove a expansão da fronteira agrícola com a conquista de novas áreas. Outros aspectos importantes da ferrovia são a viabilização da constituição da rede urbana no estado e alternativa de inversão de capitais dentro do complexo.

Outro problema, o da mão de obra, é resolvido com a adoção do trabalho livre assalariado, através da imigração em grande escala.

A cultura do café, portanto, encontra condições amplamente favoráveis no oeste paulista. A sua expansão intensa e rápida, a constituição e dinâmica do complexo cafeeiro, criam uma potente economia de mercado interno e estabelece bases para a industrialização posterior.

À medida que se dava a expansão do café, gerava-se estímulos para a constituição de atividades e serviços vinculados ao processo de urbanização. Esse processo, ao longo do tempo, torna essas atividade interdependentes, gerando uma rede de conexões econômicas, financeiras e de serviços e acelerando-se a partir de 1886.

O processo de urbanização é acelerado a partir de então, tendo como expressão o crescimento da capital que passa a centralizar atividades comerciais e financeiras ligadas ao café, bem como aproximadamente metade da produção industrial e o povoamento de todo o território paulista estruturando uma rede urbana interiorizada (através da expansão cafeeira para o oeste).

Até a última década do século XIX, predomina o deslocamento de mão-de-obra e de capitais para as regiões do oeste, acom

panhado pela expansão ferroviária e com intensa especulação de terras.

A partir da segunda metade de 1890 a crise de superprodução vai proporcionar alterações na dinâmica do processo e, até 1930, vão sendo adotadas políticas de defesa do café garantindo lucratividade, mesmo para regiões de plantio relativamente antigas e impedindo o retrocesso de regiões mais velhas.

Como consequência disto, há um impulso à diversificação produtiva do complexo com investimentos em infraestrutura e crescimento e diversificação da indústria, a partir do século XX.

Também observa-se uma diversificação na agricultura, verificada pelo aumento da produção mercantil de alimentos e matérias primas. Além disso ocorre o surgimento de pequenas e médias propriedades em escala considerável.

A partir dessa época o sistema urbano desenvolve-se tornando-se parte do processo de acumulação e articulando-se com o desenvolvimento da agricultura, proporcionando o desenvolvimento industrial posterior.

O crescimento do oeste vincula-se, inicialmente, à expansão ferroviária e desta decorre o crescimento urbano estruturando uma série de serviços. O dinamismo da agricultura da região, a expansão do sistema de transportes e o crescimento populacional propriciam a ampliação da rede de serviços, surgindo inclusive indústrias.

Alguns centros do oeste, mais antigos, vão perdendo importância e aparecem as capitais regionais que servirão de base de ocupação de novas áreas.

Essa expansão territorial, a diversificação agrícola e o crescimento populacional também propiciará um maior desenvolvimento dos maiores municípios do leste do estado e da capital impulsionando seu comércio, serviços e sua indústria.

Na década de 20, observa-se o crescimento da produção de café de maneira acelerada, bem como do investimento industrial. A indústria passa a se diversificar e ocorre a instalação de um embrião do setor de bens de capital (que vai ser importante para a fase posterior da industrialização). Além disso, aumenta significativamente o sistema bancário nacional e o sistema de geração e transmissão de energia elétrica.

No fim dessa década, entretanto, dá-se uma crise de superprodução agrícola e de sobre-investimento industrial que associando-se à crise internacional provocaria alterações do padrão -

de acumulação da economia brasileira, na década de 30.

A crise cafeeira acentua a diversificação da agricultura mas não altera a estrutura de posse da terra radicalmente. Diminui-se a área cultivada de café, tornando-se importantes o cultivo de algodão, a pecuária e a cana de açúcar. Nas regiões mais antigas de cultivo cafeeiro há o estímulo para horticultura, fruticultura e rebanhos leiteiros. Ocorre também um movimento de tecnificação da agricultura.

A partir de 1930 altera-se significativamente o panorama urbano de São Paulo. A rede urbana existente recebe um impulso centrado no padrão de industrialização restringida e pesada.

A distribuição da população, que anteriormente se concentrava através de movimentos migratórios para oeste, passa a se dirigir, a partir da década de 1950, para os grandes centros do leste do estado acompanhado pelo modernização agrícola, que se acelera entre 50 e 60.

O movimento articulado da agricultura e da indústria reforça a concentração populacional nas regiões próximas à capital, com as regiões administrativas de Campinas, São José do Rio Preto, Bauru e Sorocaba perdendo população e com decréscimo no emprego agrícola. Para o adensamento populacional da Grande São Paulo contribui além da migração do meio rural a migração interestadual.

A crise cafeeira representou a ruptura do padrão de acumulação mercantil exportador surgindo outro baseado na acumulação industrial. Entretanto, a industrialização encontra-se restringida porque a fragilidade das bases técnicas e financeiras - não permitem que se implante de uma só vez um segmento de bens de produção capaz de assegurar a auto-determinação do processo de acumulação.

Nessa dinâmica ocorre o crescimento e diversificação da estrutura industrial reforçando-se a liderança paulista na economia nacional, pois a indústria de transformação cresce a taxas superiores às do resto do país (entre 39/49 a taxa é de 9,8% ao ano para o estado e 6,2% ao ano para o restante do país; no período - seguinte 10,8% e 7,8%, respectivamente). A indústria apresenta-se crescentemente concentrada na capital, atingindo em 1949,60,5% do total da transformação industrial. A Grande São Paulo detem - no mesmo ano 74% do total.

No interior também avança a implantação industrial devido a rearticulação da agricultura com ocupação das últimas regiões da fronteira agrícola paulista, bem como da unificação do - mercado.

No final dos anos 50, com uma nova mudança no padrão da acumulação faz com que projetos sejam desenvolvidos em grande escala, autonomizando a acumulação industrial.

A dinâmica é dada pelos setores líderes da indústria - que correspondem a ramos dos setores de bens de produção e de - bens de consumo duráveis.

No que se refere à agricultura, ocorre sua subordinação à acumulação industrial, com sua intensa tecnificação.

Apesar do crescimento industrial ser acelerado, não há uma total incorporação dos saldos migratórios gerando problemas - urbanos inicialmente na região metropolitana e logo mais generalizando-se pelo interior. No período que vai até 1970, dá-se uma concentração do número de operários, valor da produção industrial e valor da transformação industrial (VTI) na região da Grande São Paulo.

Não se observa estagnação do interior; o crescimento industrial atinge-o fazendo com que seja reforçada a concentração - por seus principais centros urbanos.

Molda-se uma nova estrutura urbana diferenciada, inicialmente com proeminência da capital e principalmente após 1970, - com expansão da rede urbana das regiões do interior ditada pela - intensidade da capitalização da agricultura dessas regiões e pela crescente interiorização da indústria.

2 - A ECONOMIA PAULISTA NO PERÍODO DE 60-80

A mudança ocorrida no padrão de acumulação da economia brasileira, a partir de segunda metade da década de 50, baseado na industrialização pesada, proporciona uma transformação na organização urbana e nos hábitos de consumo, tornando a estrutura dos grandes centros do interior semelhante àquela encontrada na metrópole.

Ocorre em São Paulo um processo de urbanização à uma - taxa mais elevada que a observada no resto do país, tendo como - fatores a elevação da taxa de crescimento populacional, entre 60 e 80, acima da média nacional; o acréscimo populacional devido - migrações e decréscimo da população agrícola. O processo se dá de forma diferenciada nas duas décadas.

Na década de 60, ocorre uma elevação da população metropolitana decorrente do seu crescimento vegetativo, da absorção de migrantes do interior (decorrente da total ocupação da - fronteira agrícola do estado, com a desarticulação da atividade cafeeira) e de outros estados.

Na década de 70, embora o saldo migratório continue - relevante no crescimento da metrópole, o interior cresce relativamente mais em decorrência de um processo de descentralização - industrial no estado.

Esse crescimento do interior, entretanto, teve maior - intensidade nas regiões de Campinas, Vale do Paraíba e litoral, seguidos por Ribeirão Preto e Sorocaba. O oeste do estado não - acompanha essa elevação.

Observa-se que houve no período um reforço da tendência de esvaziamento do campo em todas as regiões de São Paulo. - Isso faz com que as regiões predominantemente agrícolas percam - participação relativa no total da população do estado e mais, reforça a concentração espacial da população nos centros urbanos - mais importantes.

No ano de 1980, os 34 municípios mais populosos do estado detinham 65% da população total, com reforço das regiões - mais destacadas (metrópole, Campinas e Vale do Paraíba) e dos núcleos mais importantes de cada região administrativa.

A última década marca o desenvolvimento das cidades médias nos eixos das rodovias Dutra, Anhanguera e Washington Luís, transformadas que foram pelo movimento recente da economia paulista, em polos urbanos significativos e sujeitos à reprodução -

de problemas decorrentes de uma urbanização sem planejamento.

2.1 - A AGRICULTURA (60-80)

A agricultura paulista intensifica a partir de 1960, seu processo de modernização, que já ocorria desde 1950, com a aplicação de insumos químicos, mecanização e melhoria de culturas e criações.

A indústria de máquinas e equipamentos desenvolve-se e ocorre uma subordinação da agricultura tanto aos setores de bens de produção e insumos, quanto aos processadores de matérias agrícolas.

O processo ocorre desigualmente pelo território paulista, de modo a manter disparidades regionais; além disso, beneficiou os produtos de exportação e matérias primas em detrimento dos cultivos alimentares.

O novo padrão agrícola consolida-se nos anos 70, apoiado por um sistema de crédito implantado na segunda metade dos anos 60. Outras características do padrão são:

- Maiores facilidades na circulação de mercadorias, com aumento da capacidade de armazenamento da produção e de transporte dos produtos;
- Substituição de forma de emprego permanente por temporário e importância relativa crescente do trabalho assalariado;
- Incentivos governamentais garantiam maior competitividade a produtos brasileiros dinamizando a exportação e acentuando o papel da agricultura de prover divisas para o resto da economia.

Entre o fim da década de 60 e o triênio 69/71, há um aumento da área agrícola do estado, para um total de 5557331 ha., o que equivalia a 22,5% da área total do estado.

As principais produções em área, em 69/71, eram o café, com 14,1% da área total (perdendo participação devido à política de erradicação da cultura); a cana (13,3%); amendoim (8,5%); algodão - (10,5%) e laranja (3,3%), que são estimulados pelo desenvolvimento da agroindústria e pela política de exportação.

Quanto ao valor da produção, o produto mais importante era o café, com 21,9% do total, seguido da cana de açucar, com 18,8% e o milho com 12,4%.

Observa-se ainda, no mesmo período, a expansão dos cultivos alimentares para as zonas de fronteira agrícola, bem como uma - diminuição da sua participação quanto à área plantada, que ficou em torno de 19,1%.

No triênio 79/81, ha um aumento da área plantada do estado para 6107302 ha. (24,7% do total), com a utilização de insumos modernos e mecanização, promovendo um aumento no volume de produção.

A cana torna-se o principal produto quanto à área e valor da produção (22,4% e 23,8%, respectivamente), em consequência de políticas governamentais de apôio à produção de açucar e alcool combustível.

O café aumenta a participação em 80 para 16,2% da área cultivada e 23,8% do valor da produção, tendo nova queda no período 83/84.

Os produtos exportados e matérias primas (como soja, laranja, trigo e milho) participam na safra 83/84 com 76,6% da área cultivada e 76% do valor da produção da agricultura. As culturas alimentares tiveram tratamento diferenciado, com alguns produtos recebendo estímulos via preços e créditos e outros limitados pela ausência desses estímulos e pela dificuldade de incorporações - tecnológicas.

Houve um avanço na produção pecuária no período 60/80 com aumento do número de cabeças do rebanho bovino e com o total de pastagens atingindo 41,7% da área explorada do estado.

Há uma queda nos plantéis de suinos, pela migração dessa criação para outros estados e um crescimento considerável da avicultura, principalmente a partir de 1975 devido ao aumento da exportação.

Uma análise das produções agrícolas das regiões administrativas do estado nos mostra como principais as de Campinas e Ribeirão Preto, que apresentam melhor mecanização, maior capitalização e melhor infraestrutura de apôio, além de grande diversificação. Adiciona-se a região de São José do Rio Preto que apresenta um crescimento agropecuário moderno e diversificado. As demais regiões não apresentam o mesmo dinamismo.

Observando-se a dinâmica regional da agricultura paulista e considerando o movimento de expansão da indústria pelo interior, concluimos que a concentração de capitais agroindustriais investidos se dá onde a integração entre esses setores é mais - marcante e para esses locais se voltam os programas de apôio governamentais, agravando as disparidades regionais existentes.

2.2 - A INDÚSTRIA (60-80)

A partir da segunda metade da década de 50, quando ocorre mudança do padrão de acumulação da economia, há um maior desenvolvimento das indústrias produtoras de bens de capital e de consumo durável (grupo III) e de bens intermediários (grupo II).

No perído 56-59 as indústrias do grupo II absorvem - 73,3% dos novos empregos gerados e daí até 1970, totalizam 38,8% com o grupo II respondendo por 31,2% e o grupo I (produtores de - bens de consumo não duráveis) com 30%.

Entre 1949/80, com as modificações na estrutura produtiva da indústria de transformação, ocorre uma redução de participação do grupo I no valor agregado de 55,5% para 25,8%, ampliação - do grupo II de 33,7% para 39,6% e do grupo III de 10,8% para 34,6%.

No mesmo período a participação do estado de S.Paulo no total da produção do país passa de 48,6% para 58,2%. No ano de 1980 esse porcentual caí para 53,4%, ocorrendo um movimento de - desconcentração com o crescimento do interior do estado sendo - maior que o da região metropolitana.

A indústria paulista mostra-se, na década de 60, concentrada na região metropolitana, principalmente na capital, entretanto, a participação dos municípios em seu entorno começa a crescer.

Ocorreu entre o período de industrialização restringida (1930-55) e a implantação da indústria pesada (1956-61), um movimento de descentralização industrial em direção ao interior. Esse movimento foi baseado inicialmente na expansão das indústrias produtoras de bens de consumo não duráveis e de bens intermediários e vêm complementar as necessidades da indústria metropolitana.

A partir da década de 70, há uma modificação na estrutura industrial do interior que passa a abrigar um número crescente de indústrias produtoras de bens de consumo duráveis e de bens de capital.

A descentralização ocorre devido a participação do Estado através da instalação de refinarias de petróleo em São José - dos Campos e Paulínia; da consolidação do polo petroquímico de Cubatão; da instituição deo PROÁLCOOL (com efeitos sobre indústrias de bens de capital); implantação de ramos complexos e centros de pesquisa na região de Campinas e da instalação do complexo aeronáutico no Vale do Paraíba.

Outros fatores a serem considerados são a melhoria do sistema viário; a modernização e expansão da agricultura, com impacto na indústria de insumos e de bens de capital fornecedoras - desse setor; o aumento de custos de aglomeração e de desperdício de tempo na área metropolitana e restrições de ordem ambiental.

A partir de então a estrutura industrial do interior assemelha-se à da metrópole. Observa-se a implantação de uma estrutura complexa com instalação de indústrias de médio e grande porte e cujos principais ramos são em 1980 alimentos, com 62,7% do - total da produção do estado; têxtil, com 40,3%; química(60,4%); - minerais não metálicos (67,1%); metalurgia (34,5%); mecânica - (36,4%); material de transporte (21,7%) e material elétrico e de comunicações (21,6%).

O interior, até 1970, detinha 29,3% de participação no valor da produção industrial do estado, passando, em 1975, a 34,1%, ganhando expressão a nível nacional e tornando-se importante centro gerador de empregos no estado, chegando, no final da década de 70, a ser reponsável por metade dos empregos gerados.

Essa participação crescente é mais expressiva para 5 - das regiões administrativas do estado. Em 1980, Campinas atinge 15,4% da produção industrial paulista; o litoral atinge 6,7%; o Vale do Paraíba, 5,9%; Ribeirão Preto, 4,8% e Sorocaba, 4%, representando quase 90% do total da produção do interior. As regiões do oeste paulista não ampliam sua participação relativa totalizando juntas 2,7% do valor da produção industrial do estado no mesmo ano.

Predominam no oeste as indústrias do grupo 1, sendo o principal ramo, o de alimentos (em todas as cinco regiões que o - compõem), variando por região os demais ramos em ordem de importância.

Em São José do Rio Preto, a indústria de alimentos tem participação de 34,1% do total do produto regional, seguido de mobiliário (14,4%) e quimica (11%). Araçatuba tem uma participação da indústria de alimentos de 33%, seguido de vestuário, calçados e artefatos de tecidos, com 17,4% e química com 10,5%; em Presidente Prudente a indústria de alimentos tem 43,6% de participação e a química de 23,7%; Marília, 38,8% para indústria de alimentos, química com 18,2% e mecânica com 14,1%; Bauru concentra 34% no ramo de alimentos, 17,1% na química e 9% na indústria mecânica. As quatro primeiras regiões detinham, em 1980, 11,6% da produção -

de couros, peles e similares do estado e 13,4% da indústria de mobiliário. A região de Bauru possuia expressão a nível estadual - em 3 ramos: bebidas, com 8% do total estadual, alimentos com 5,9% e madeira com 5,7%.

3 - A REGIÃO DE BAURU ATÉ 1960

A região de Bauru localiza-se no centro do Estado de São Paulo, ocupando uma área de 16266 Km2 (6,58% do estado), sendo uma de suas menores regiões e a menor do oeste paulista, possuindo uma população estimada em 760.000 habitantes (em 1985, representando - 2,66% do estado), distribuidos por 3 sub-regiões com 38 municípios: Bauru (20 municípios), Lins (8) e Jaú (10).

A sede, Bauru, é a maior cidade da região centro-oeste - de São Paulo, com uma população estimada, em 1987, de 242886 habitantes com taxa de urbanização superior a 96%.

Seu crescimento inicial esteve ligado à expansão cafeeira do início do século para o oeste e principalmente è expansão - ferroviária, via E.F.Noroeste do Brasil, que lhe conferiu importância como base de ocupação dos demais territórios do oeste, devido a sua posição de principal entroncamento ferroviário.

Assumiu, desde então, características de cidade de funções terciárias, centralizando atividades comerciais e financeiras e de serviços, com influência por uma vasta área do interior paulista e para outros estados.

3.1 - OCUPAÇÃO

A região teve sua ocupação iniciada aproximadamente na segunda metade do século XIX, decorrente do processo de expansão da atividade cafeeira que se generaliza por todo o Estado.

Os primeiros distritos criados foram Jaú e Dois Córregos, em 1856 e Lençois Paulista, em 1858. Embora suas proximidades já estivessem ocupadas desde essa época, o município de Bauru teve sua fundação somente no fim do século, em 1893 (com emancipação em 1896).

O movimento de ocupação da região não se deu de maneira intensa entre essa época e a virada do século, o que se pode constatar com os dados populacionais do censo de 1890 que acusa menos de 30000 habitantes. O processo só se dá efetivamente com a expansão ferroviária.

Em 1905, chega a Bauru o prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana e em 1910, a Cia. Paulista de Estrada de Ferro. Isso proporciona à região, uma taxa de crescimento anual da população de 13% no período de 1890/1900. Houve atração de um grande número de imigrantes, sendo que no período de 1900/1909 somente os municípios de Bauru e Jaú (os principais da região) receberam 13789 para um total de 20155 da região (Tabela 1).

LOCALIZAÇÃO
BAURU NO ES
PAULO

DATA
1980

No ano de 1906, tem início a expansão ferroviária da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil; novas áreas são incorporadas à produção agrícola e novos municípios são criados começando a ocorrer o deslocamento no eixo da economia cafeeira para as terras da Noroeste, Alta Sorocabana e Alta Paulista.

Bauru atinge a posição de centro regional, a partir daí, decorrente de seu papel de centro ferroviário e também da perda de produtividade dos cafeeiros da região de Jaú. A cidade teve, como já dito, papel importante no processo de ocupação do oeste e sua posição de entrocamento rodo-ferroviário estimulou o surgimento e crescimento de atividades administrativas bem como de todo o segmento terciário de apôio à agricultura e à população. Surgem, na década de 20, as primeiras indústrias de bens de consumo destinadas ao mercado regional e sua área de influência atingiria a Noroeste e Alta Paulista, embora já passasse a ser dividida com os novos centros urbanos dessas regiões, como Araçatuba e Marília.

Nas décadas de 20 e 30, a região continua atraindo elevado número de imigrantes, principalmente sua porção ocidental (cidades de Pirajuí, Lins e Piratininga, que no período 1920/39 são as que mais atraem, conforme tabela 1).

Há alterações na posição das cidades quanto ao total da população, como mostra o censo de 1934; o município de Jaú, que anteriormente tinha maior população, perde para as cidades de Lins e Pirajuí essa posição. Entretanto, se observarmos o contingente populacional urbano, veremos que o município de Bauru constituia o principal centro urbano da região seguido por Jaú e Lins (os três com mais de 10000 habitantes na sede), apresentando taxas de urbanização de 51,5%, 35,05% e 23,11% respectivamente (tabela 2).

A crise do café, no fim da década de 20, afetou profundamente a economia da região, que por ser zona de cultivo mais antigo com problemas de produtividade declinante passa a perder população para novas áreas agrícolas que iam surgindo no interior do estado e no norte paranaense e para os principais centros urbanos.

A crise atinge, de maneira geral, toda a região oeste do estado, entretanto a presença de outros cultivos como algodão e cana aliados à pecuária, garantem a manutenção das taxas de migração, bem como proporcionam uma estruturação do mercado e dão vida à rede urbana regional.

Observa-se no período de 1940 a 1970, intensa saída de migrantes da região (entre 40/50, 149769 habitantes deixam a região; em 50/60, 93232 habitantes), que so voltaria a ter saldos positivos no período 70/80 (tabela 3), sendo que as taxas de crescimento populacional total nesses períodos em algumas ocasiões, estiveram negativas, com em 40/50 (-0,81%) e em 60/70 (-0,31%), conforme mostra a tabela 4. Isso proporcionou a estagnação e até mesmo o retrocesso econômico de muitos municípios.

Entretanto, alguns fatores influíram para que o centro regional, Bauru, não perdesse seu dinamismo.

Durante os anos 30 e 40, as regiões de Araçatuba, Marília, São José do Rio Preto e Presidente Prudente mantiveram seu crescimento, ocupando terras com algodão, cultivos alimentares e pecuária, além do café, de modo a gerar estímulos para os principais centros urbanos do estado. Pode-se dizer que os impactos do processo de esvaziamento populacional das regiões vizinhas proporcionaram o crescimento da população urbana de Bauru nessas décadas. Outro determinante foi o desenvolvimento de algumas atividades urbanas ligadas ao transporte e comercialização de café, no período de 50/60, que visava atender o norte do Paraná que ainda não havia estruturado esses serviços.

Esses movimentos proporcionaram a Bauru atingir, em 1950, uma taxa de urbanização de 80,2%, inferior apenas às da Capital, de Santos e de alguns muncípios da G.S.P..

O êxodo rural continua acentuado na região nos anos de 50 e 60 e teve como causas a erradicação de áreas de café ou sua substituição por outras culturas e pastagens, mecanização da agricultura (tabela 5), desgaste dos solos, entre outros. Mas, isso não teve um efeito direto para Bauru, que continuou com taxas elevadas de crescimento urbano (3,5% ao ano), atingindo em 1970, a taxa de urbanização de 91,6%. Esse dinamismo esteve baseado na função de polo terciário e de transportes exercida pelo município.

Ao período analisado, observou-se que não somente para Bauru, mas para a região como um todo, a distribuição da PEA, por setores econômicos, registrou um acréscimo acentuado das pessoas envolvidas em atividades urbanas. No ano de 1940, 20,61% da população total da região pertencia ao secundário e terciário; nos anos 60, 42,47%; na década posterior registra-se um total de 60,02% (tabela 6). Entretanto, vê-se que o aumento se deu sobre

tudo no setor terciário, uma vez que a indústria regional era incipiente.

Em Bauru, esse movimento de elevação do contingente populacional no secundário e terciário tem como incentivador o deslocamento de filiais de grandes estabelecimentos desses setores, já - num processo de integração do mercado paulista (vinda de indústrias de óleos vegetais, implantação de grandes armazéns e entrepostos agrícolas e instalação de grandes organizações comerciais e bancárias).

Já em 1970, Bauru atingiria o 7º lugar no interior em - porte populacional, sendo um dos principais núcleos urbanos do estado.

4 - BAURU DE 1960 a 1980

Conforme observamos, a região de Bauru constitui-se durante o período 40/70 como expulsadora líquida de população, passando a ocupar, no ano de 1980, a décima posição no estado quanto ao contingente populacional; nesse ano registra-se um total de - 666963 habitantes.

Uma das características da região é a acentuação do - crescimento das taxas de urbanização, o que se deve à modernização do campo iniciada na década de 50 e ao desenvolvimento de atividades terciárias, bem como a um desenvolvimento industrial baseado em algumas cidades. Houve, no período de 60/80 uma elevação dessa taxa de 48,1% para 70,36%, o que representou um crescimento maior que o do estado no mesmo período (tabela 7).

A diminuição da população rural deve-se às alterações - nas relações de produção, bem como alterações dos cultivos como - por exemplo a substituição de áreas anteriormente ocupadas pelo - café por culturas com menor utilização de mão de obra, ou de utilização de mão de obra temporária (que geralmente reside na periferia das cidades), como por exemplo a cultura canavieira e a ampliação de pastagens e criação de gado.

No período de 60/70, observou-se que o setor urbano não foi capaz de absorver totalmente o esvaziamento da população rural. Não obstante, também verificou-se uma elevação da taxa de - urbanização do município séde, que em 1960 era de 91,4%, passando para 91,5% em 1970.

A região de Bauru diminui sua participação no total da população do estado de 3,1% em 1970 para 2,7% em 1980. Essa população encontra-se concentrada principalmente no município de Bauru, cuja taxa de urbanização atinge, em 1980, 96,8%, comparável à da capital (de 98,2%), representando 34,2% do total de população urbana da região. Os outros centros sub-regionais tiveram um crescimento moderado e os demais municípios, na sua maioria, - perderam população.

4.1 - AGRICULTURA NA REGIÃO

Segundo dados obtidos junto ao Instituto Agronômico de Campinas, (tabelas 8 e 9) a região de Bauru é apta para pastagens e reflorestamento, com áreas de culturas perenes restringidas a 4,2% da área total e área apta à cultura anual de 25,1%.

As pastagens ocupam 43,17% do total da área devido ao processo de desgaste do solo e erodibilidade do mesmo, decorrente do mau uso durante o processo de ocupação da região. Além disso,

a acidez característica do solo arenoso da região inviabiliza vários tipos de cultura.

Em 1970 os principais produtos agrícolas cultivados eram cana, café, milho, arroz e amendoim, com 88% do valor da produção do setor e 91% da área cultivada no ano. O principal produto, o café, representava 12% do valor da produção do estado e 34% da região.

De acordo com o censo agropecuário de 1985, a cana passa a ser o principal produto em área e volume de produção, sendo o café o segundo. Quanto ao valor de produção agrícola, o café participa com 7,6% do total da produção do Estado, seguindo-se a cana com 3,6%, o milho com 4,5%, laranja com 0,8% e o abacaxi com 51% (outros produtos representativos são melancia, com 24,2% do tal do Estado e mamona, com 8%).

A pecuária cresce no período de 1965 a 1970 em 20% de área e 82% do valor da produção principalmente após erradicação de culturas (principalmente do café) e em função de estímulos à dinamização da pecuária de corte visando exportação.

Quanto à participação relativa no estado, as criações de maior relevância são bovinos de corte, com 5,9% do total estadual, equinos (5,2%) e de galinhas e afins (5,2%), entretanto são culturas extensivas.

A sericultura merece destaque por ser uma produção verticalizada atingindo até a tecelagem dos fios e tecidos de seda e que em maior parte é exportada.

Ocorre, na década de 70, a redução da área média das propriedades da região, movimento contrário a aquele ocorrido no Estado. Em 1970, o tamanho médio das propriedades era de 109,1 ha. reduzindo-se para 99,2 ha. em 1980, tendo como causas a baixa produtividade do solo e a divisão de antigos latifúndios de café; entretanto, isso é revertido no final da mesma década principalmente na região de Jaú, área onde há maior desenvolvimento da monocultura (canavieira).

4.2 - SETOR SECUNDÁRIO

A indústria da região de Bauru teve seu desenvolvimento calcado principalmente na sua base agrícola, de modo que seus segmentos visavam o consumo final, muitas vezes da própria região. Desta forma a sua participação no total do estado com relação ao VTI e volume de pessoal ocupado é pequena.

Em 1970 a região de Bauru tinha 1,4% do pessoal ocupado na indústria e 0,9% do VTI do estado e com relação ao total do interior 4,5% e 3,5% respectivamente, sendo que o maior peso relativo da mão de obra nos indica uma concentração na região de indústrias tradicionais. (Tabela 10).

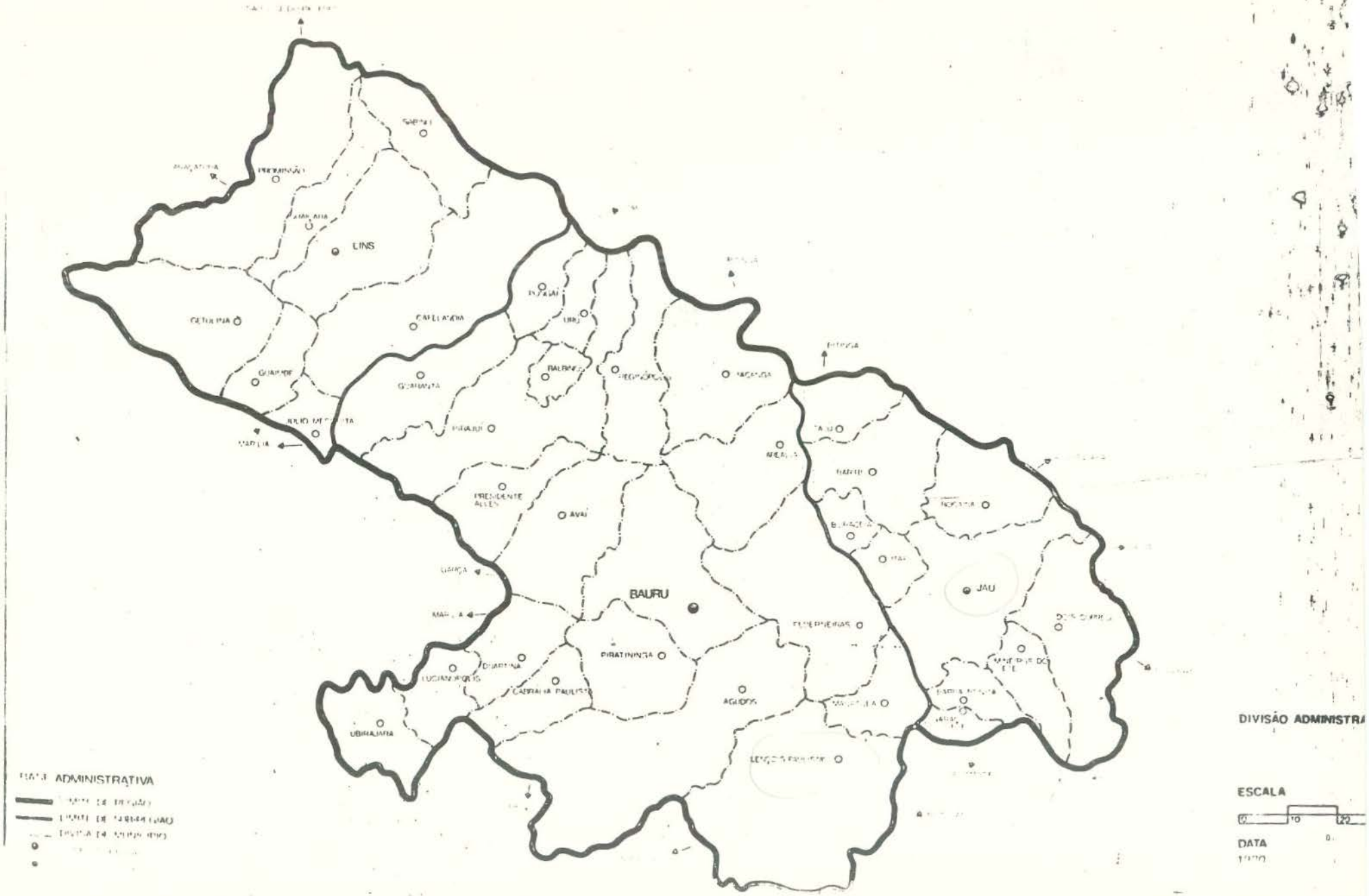
Até 1975 o quadro é praticamente o mesmo, mas com a implantação do PROALCOOL é dado um impulso á indústria da região. - Para um crescimento de 4,1% ao ano para o estado e 8,27% para o interior, a região cresce a uma taxa de 10,4% entre 75 e 80. Em relação ao pessoal ocupado não houve um crescimento expressivo - (passa para 1,5% do estado e 4,2% em relação ao interior) o que - supõe haver uma modernização das indústrias no período. A elevação com relação ao VTI é de 0,3% com relação ao estado e ao interior.

Embora ocorra esse crescimento no período observa-se - que a estrtura industrial diversifica-se pouco no período de 56 a 80.

Em 1980 o grupo I tinha 57,3% da produção industrial, o grupo II 31,2% e o grupo III 11,5% (Tabela 11).

Os principais ramos são os de produtos alimentares têxtil e vestuário, calçados e artefatos de tecido que participam - com 46,8% do VTI regional.

Observa-se uma concentração da produção basicamente em 10 municípios com participação de mais de 90% no total regional (em 1980) localizados nas sub-regiões de Bauru e Jaú.


LINS
BAURU
JAU
AVAÍ
PIRATININGA
AGUDOS
UBIRAJARA
DIVISÃO ADMINISTRA
ESCALA
DATA

5 - O MUNICÍPIO DE BAURU

Localizado no Planalto Ocidental de São Paulo a uma altitude média de aproximadamente 600 metros do nível do mar, com área de 702 Km2 (0,26% da área total do Estado e 8,15% da região) o município possui clima quente com elevada amplitude térmica - (3ºC a 37ºC, médias, mínima e máxima) e umidade relativa do ar de 70% no verão e 60% no inverno e baixo índice pluviométrico (entre 1200 e 1600mm anuais).

Seu solo é formado na maior parte pelo arenito Bauru, terreno arenoso-argiloso, apresentando inconvenientes para edificações de grandes estruturas, bem como para a atividade agrícola (inconvenientes de fertilidade, devido acidez acentuada e - suscetibilidade à erosão e difícil motomecanização).

5.1 - DINÂMICA POPULACIONAL

Bauru constitui-se, desde sua criação, em importante centro devido ao seu papel de base de ocupação de terras do - oeste, tendo elevado fluxo populacional durante o início do século.

Com a perda de importância agrícola das regiões ao seu entorno a população rural começa a migrar para a cidade. A - partir de 1980 o município já apresenta elevada taxa de urbanização (mais de 80%) devido, entre outros, à baixa fertilidade de seu solo que desestimulava a produção agrícola.

O município em 1960 tinha 16,5% da população total da região, 31,7% da população urbana e 2,7% da população rural, - com uma taxa de urbanização de 91,4%, o que demonstra sua importância regional nas atividades urbanas. Nesta década houve um - crescimento populacional total de 3,7% ao ano, maior que os do estado, do interior e contrastando com a região que apresenta decréscimo.

A taxa de urbanização em 1970 (91,5%) é praticamente igual à da década anterior, porque houve um crescimento populacional rural aproximado à urbana (3,5% ao ano e 3,8% ao ano, respectivamente).

A participação na população total em relação ao estado aumenta para 0,8% e em relação à região para 24,8%. Em relação à população urbana aumenta para 33,1%, devido a um aumento no crescimento populacional e atração de pessoas principalmente de cidades menores da região.

Para a década de 70 observamos que a taxa de urbanização eleva-se a 96,8%, taxa igual à da região metropolitana; a -

população aumenta a uma taxa de 3,9% ao ano e a participação da população urbana e total, em relação à região, também aumenta (34,2% e 28%, respectivamente). Nessa época Bauru era a 18ª. cidade em - população total no estado; perde posições devido suas taxas de - crescimento serem menores, explicável por sua elevada urbanização desde muito cedo, refletindo maturidade no seu crescimento.

O crescimento vegetativo entre 70 e 80 foi de 38874 habitantes com taxa de natalidade de 26,9% por mil habitantes em 1980 (para 24,0 por mil em 70) e de mortalidade de 6,8 por mil em 1980 (para 8,2 por mil em 70) ao qual se adicionarmos o saldo migratório positivo de 12546 pessoas, temos o crescimento absoluto - de 51420 pessoas na década.

Observa-se também a partir de 1980, uma redução acentuada nas taxas de mortalidade infantil de 45,9 por mil em 1981 subindo para 47,3 por mil, reduzindo-se, a partir de então, para - 39,7 em 1983; 31 em 1984; 23 em 1985; 19,3 em 1986 e finalmente - 18,9 por mil em 1987.

Quanto aos moradores não naturais do município temos 55% no ano de 1980, uma tendência geral se comparada a outros municípios do oeste paulista e mesmo com relação ao total do Estado - (Tabela 12).

Bauru tornou-se um polo comercial de grande importância com crescimento semelhante ao do estado e do interior paulista quanto à dinâmica populacional e passou a atrair indústrias voltadas ao seu mercado regional, entretanto, sua função terciária não proporciona um elevado nível de absorção de mão de obra, o que força a população jovem migrar para os grandes centros.

5.2 - AGRO-PECUÁRIA 1960/80

A baixa fertilidade do solo bauruense não porporciona condições adequadas às culturas perenes e pouco satisfatória para culturas anuais.

Conforme observado, o principal produto agrícola até 1960, o café, passa a ser erradicado e substituido por outros produtos tais como cana, algodão e pastagens. Destas somente o caroço de algodão era utilizado pela indústria do município (Anderson Clayton e SANBRA), sendo a fibra exportada para outras regioões e a cana utilizada pelas usinas de outros municípios da região. As pastagens surgem para aproveitamento do solo com criação extensiva de gado.

A partir de 70 outras culturas são implantadas expe-

rimentalmente e realizado reflorestamento em cerca de 5% do território do município (adicionado ao reflorestamento particular da empresa Freudenberg de fabricação de papel). Existem ainda, matas - sem viabilidade econômica, de cerrado, totalizando, portanto cerca de 25% do território.

Produtos de destaque são: o abacaxi, que se adapta - às condições do solo e atinge, em 1970, 30% da área plantada do Estado; a melancia, na época com 1% do total.

No período atual, a mais representativa a nível estadual é a cultura do abacaxi, com 37,8% do total. Em termos de valor, o primeiro lugar é do café, seguido do abacaxi, cana, melancia e milho. Outros produtos relativamente representativos são o amendoim e a mamona, com 0,24% e 0,2% do total do estao em área - plantada; os demais produtos assumem um caráter de subsistência da da sua irrelevância.

O que caracteriza também a agricultura local é a inexistência de latifúndios basicamente devido à pobreza do solo que inviabiliza grandes monoculturas.

A partir da década de 70, há um desenvolvimento das criações bauruenses com melhorias dos plantéis bovinos e suinos e com a instalação de várias granjas e agroindústrias especializada que a torna uma das principais atividades criatória do município.

A principal cultura é a do bicho da seda realizada - por pequenos agricultores, com fios fabricados nas cidades vizinhas a Bauru e diretamente exportadas para o Japão, o que expressa uma alta qualidade do produto. O segundo lugar em importância é das granjas com 0,53% do total do estado. A criação de cavalos é importante não tanto pela quantidade na participação do estado - (0,4%), mas devido à qualidade das raças (quarto de milha e manga larga); a cidade se tornou um polo de aprimoramento dessas.

5.3 - INDUSTRIALIZAÇÃO 1960/80

A dinâmica da industrialização bauruense (que se iniciara com o auge da expansão cafeeira), é acelerada a partir da década de 60, quando o processo de interiorização do desenvolvimento do estado se intensifica, de modo que a cidade como polo regional veio a atrair empresas de médio porte que visavam atender o mercado regional.

Em 1970, os principais ramos da indústria do município são o alimentar, com 32,2% do VTI do município, seguido pela -

indústria química, com 15% do VTI e pelo editorial e gráfico que tem relevância a nível estadual e nacional (com 9,3% do VTI municipal).

Entre 60/70 houve um acréscimo de 73 estabelecimentos (entretanto, foram gerados apenas 151 empregos), totalizando - 280.

Para o ano de 1980, apresenta-se um total de 332 empresas e esse crescimento foi expressão de acentuação do papel de polo regional, bem como decorrente da implantação do DI. A taxa - de crescimento do número de empresas foi inferior a do Estado, - (1,4% ao ano para Bauru e 2,13% para o estado), embora com relação ao valor da produção e do VTI fossem superiores (13,1% ao ano e - 13,5% para Bauru e 12,8% e 9,5% para o estado respectivamente). Também houve crescimento superior por parte de Bauru quanto ao pessoal ocupado (13,5% para Bauru, superior ao estado em 4%). Conforme tabela 10. Bauru possui um parque bastante diversificado, onde o ramo de maior participação continua sendo o alimentar com 25,7% do VTI, embora perdesse participação com relação a 1970; o mesmo ocorre com a química. Observa-se acentuado crescimento dos setores mecânico, material elétrico e de comunicações, material de transporte com manutenção do editorial gráfico.

A indústria de Bauru tem grande peso o capital local, atingindo representatividade com o passar dos anos, a nível estadual.

Observa-se que Bauru divide o posto de centro industrial regional com os municípios de Jaú e Barra Bonita devido à - presença de grandes destilarias de álcool nos territórios destes proporcionando um valor de produção bem próximo ao de Bauru.

5.4 - O SETOR TERCIÁRIO

Bauru possui um dinamismo no setor terciário desde a época de sua ocupação inicial; com a implantação do sistema rodoferroviário o mesmo se fortalece e o município se torna centro de vendas da produção agrícola regional, atendendo uma demanda extra regional.

Em 1960 Bauru contava com 2,4% dos estabelecimentos do setor terciário do estado, tendo o setor de serviços a participação de 1,6% e o comércio e mercadorias com 0,8%.

No seu território centralizavam-se atividades voltadas para o mercado regional e sua localização contribuiu para a ins

talação de filiais de grandes empresas voltada para o interior do estado, sul de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Norte do Paraná.

A dinamização do setor terciário deu-se também pelo próprio crescimento urbano do município, o que se manifesta no incremento de estabelecimentos comerciais de grande porte, serviços pessoais, colégios de educação especial e hospitais especializados, por exemplo.

Se observarmos os dados da tabela 13, veremos que houve a partir de 1960, um aumento da variedade de serviços, bem como do número de estabelecimentos comerciais, entretanto, a taxa de crescimento do pessoal ocupado foi maior para o primeiro ítem.

Em 1980, o total do pessoal ocupado em Bauru no setor de serviços era equivalente a 0,2% do total do Estado, possuindo 2,4% dos estabelecimentos e 0,5% do valor da receita gerada.

Atualmente 55% dos trabalhadores de Bauru estão alocados em atividades do setor terciário, o que proporcionou, em 1987, 54% da arrecadação tributária do município, entre ISS e taxas de inscrição.

Os principais ramos desse setor no período de 50/60, foram os transportes e comunicações (21,8% do emprego em 1950), dada a importância como entroncamento rodo-ferroviário. Essa tendência é decrescente no período subsequente, devido a estagnação do setor ferroviário.

Outro aspecto marcante de 70 é o avanço dos setores de atividades sociais, como em todo o estado, bem como o setor de administração pública.

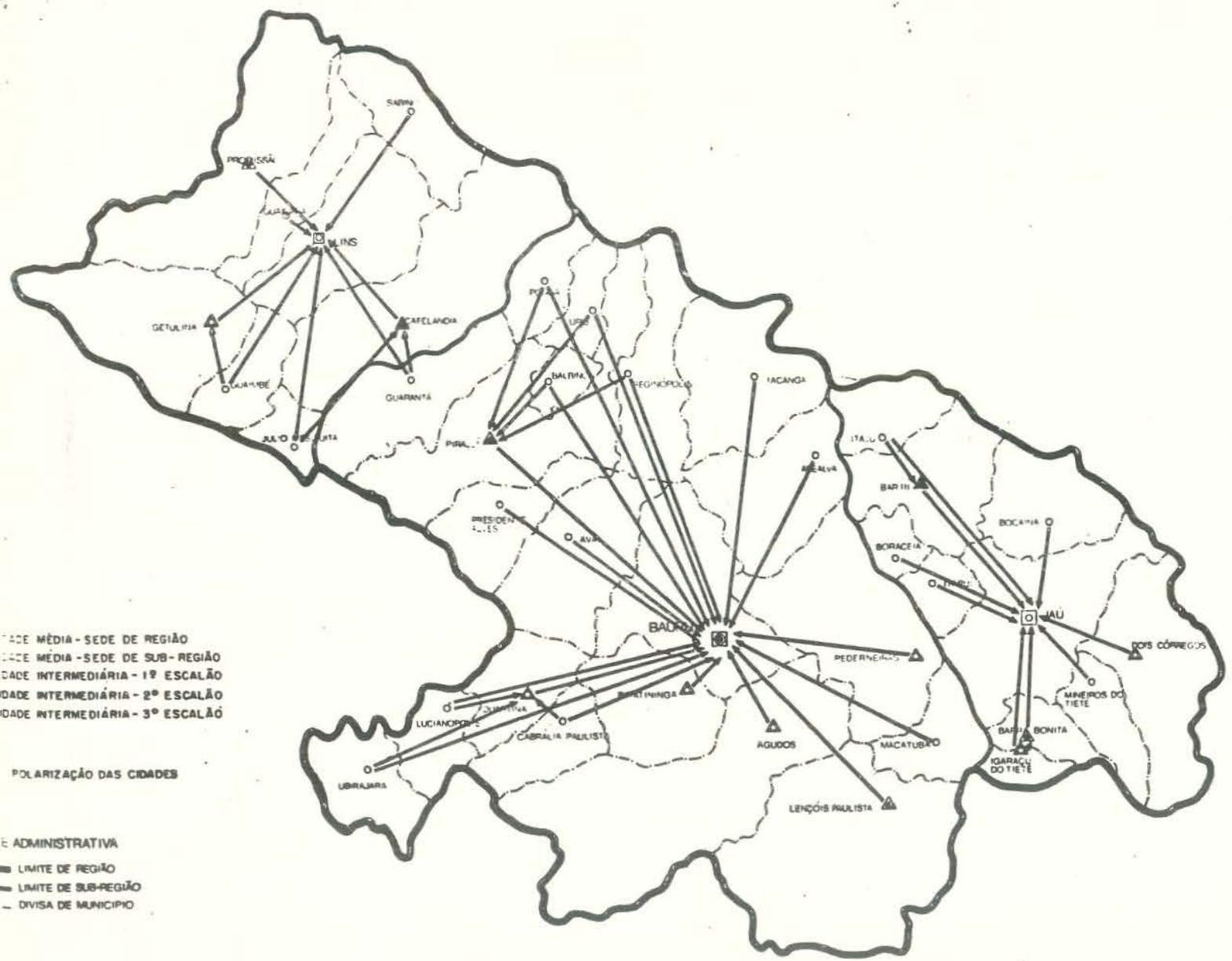
Também merece destaque o aumento das atividades financeiras e de comércio e administração de imóveis, com número de empregados passando de 629 em 1950, para 3858 em 1970.

Por setores temos o predomínio do terciário no município seguido da indústria e da agricultura. O terciário com relação a 1970, perde em pessoal ocupado graças ao crescimento do secundário. A agricultura continuou com baixo nível de emprego.

Dentre os setores, no ano de 1980, continuam tendo importância os transportes e comunicações (reduzido, entretanto, com relação a 70) e aumento das atividades sociais em 2,3%, totalizando 11,1% na participação. Houve declínio da participação das atividades administrativas.

Finalizando, as demais atividades passaram por uma racionalização do número de empregos, devido a concentração de em

presas financeiras e de crédito, movimento que ocorre em conformidade ao padrão do estado de modo geral.



CIDADE MÉDIA - SEDE DE REGIÃO
CIDADE MÉDIA - SEDE DE SUB-REGIÃO
CIDADE INTERMEDIÁRIA - 1º ESCALÃO
CIDADE INTERMEDIÁRIA - 2º ESCALÃO
CIDADE INTERMEDIÁRIA - 3º ESCALÃO

POLARIZAÇÃO DAS CIDADES

BASE ADMINISTRATIVA
LIMITE DE REGIÃO
LIMITE DE SUB-REGIÃO
DIVISA DE MUNICÍPIO

ÁREAS DE ATRAÇÃO DAS CIDADES MÉDIAS, INTERMEDIÁRIAS E DE PEQUENO PORTE

ESCALA

0 10 20 30km

DATA
1980

PARTE II

6 - EXPANSÃO DA MALHA URBANA

Introdução

A ocupação do espaço urbano bauruense, no seu início, deveu-se ao desmembramento de propriedades rurais existentes ao longo das ferrovias seguido de loteamento e posterior comercialização.

Isso ocasionou problemas para o desenvolvimento de uma infraestrutura adequada e eficiente bem como proporcionou problemas ao desempenho das funções urbanas, além de gerar vazios intersticiais na malha urbana ao longo desta rede ferroviária.

Em estudo realizado no início da década de 80 pelo Escritório Técnico da Prefeitura Municipal de Bauru a tendência observada do crescimento do município tem como direções principais a Norte-noroeste e a Nordeste uma vez que o acréscimo da ocupação na região Sudeste deve ocorrer nos vazios existentes entre a área estabelecida atualmente e o Campus Universitário e o Parque Ecológico; na região Oeste está prevista uma zona de preservação que tende a conter a expansão neste sentido; ao Sul manter-se-á a predominância de residências de alto padrão (ver mapa dos setores de crescimento).

As atividades urbanas de comércio e prestação de serviços tendem a aumentar na zona já ocupada estabelecendo eixos de crescimento ao longo das principais vias. O crescimento das atividades industriais, ao leste, efetivam a consolidação dos distritos industriais.

Ao crescimento da malha urbana de Bauru, sobressaem quatro determinantes de maior peso que serão examinados a seguir:- o sistema viário, os conjjnto habitacionais, os distritos industriais e os loteamentos - que se inter-relacionam determinando um tipo de expansão peculiar.

6.1 - O SISTEMA VIÁRIO

O aparelhamento viário do município de Bauru foi organizado e racionalizado a partir do estabelecimento do Plano Diretor em 1969 e caracteriza-se pelo número de avenidas amplas que facilitam sobremaneira o fluxo de veículos e mais que isso, passam, nas duas últimas décadas, a nortear o crescimento da cidade no estabelecimento de novos bairros e até mesmo expandindo ou delimitando o crescimento das atividades urbanas. Os principais eixos desse crescimento são as Avenidas Rodrigues Alves, Duque de Caxias, Nações U-

nidas, Getúlio Vargas e a Rodovia Marechal Rondon.

As duas primeiras avenidas citadas são mais antigas, cortam a cidade no sentido leste-oeste ligando vários bairros e - pontos importantes e constituiam até fins da década de 70 nas principais vias de ligação com a rodovia Marechal Rondon.

A Avenida Rodrigues Alves, uma das primeiras vias implantadas quando da ocupação da cidade só toma essa configuração atual na década de 70. Ao longo desta via estabeleceu-se uma série de escritórios de representação, bem como lojas comerciais. Além disso após o cruzamento com a Rodovia Marechal Rondon implantaram-se conjuntos habitacionais, principalmente após o estabelecimento do Distrito Industrial. Ainda através dela é realizado o acesso à Rodovia Bauru-Jaú.

A Avenida Duque de Caxias, além da função de ligação, passa, a partir da década de 70, a ser alternativa de tráfego evitando-se o estrangulamento existente até então na Avenida Rodrigues Alves. Já na década de 80 passa a ter como característica o fato de representar um limite da zona de expansão comercial da cidade.

A terceira via importante é a Nações Unidas, cujo - traçado vai no sentido sudeste-noroeste. Sua construção foi efetuada a partir da segunda metade da década de 70 com a canalização do Córrego das Flores, tendo sido concluida na metade dos anos 80. Inicialmente sua implantação representava maior facilidade de acesso à Rodovia Marechal Rondon e ao longo do tempo, com a expansão - comercial, constitui uma alternativa para esta. Constitui, também alternativa de lazer à população em virtude das características do comércio nela situado (bares e restaurantes predominantemente) e - do seu aproveitamento para atividades culturais. A sua conclusão e a criação de infraestrutura induziu a ocupação de seu entorno estabelecendo bairros de alto padrão, com acentuação do processo de - crescimento vertical e, incentivou o surgimento de um comércio moderno (nela se instala atualmente o Shopping Center de Bauru)com - instalação de hoteis e boutiques, entre outros.

A Rodovia Marechal Rondon que corta a cidade no mesmo sentido, praticamente a separa em duas sendo o lado leste ocupado por bairros residenciais predominantemente formados por conjuntos habitacionais e pelos Distritos industriais. A expansão dessa região se dá com maior intensidade após a segunda metade da década de 60.

-Por fim a Avenida Getúlio Vargas, de implantação -

EST.
RODOVIÁRIA
1º DE AGOSTO
BATISTA
AV. RODRIGUES ALVES
CAMPOS SALLES
EST.
FERROVIÁRIA
ITE
INSTITUIÇÃO
TOLEDO DE ENSINO
PEDRO DE TOLEDO
AV. DUQUE DE CAXIAS
PÇ.
VITÓRIA
RÉGIA
NAÇÕES UNIDAS
ROD. MAR. RONDON
SÃO PAULO

mais recente, viabilizou o estabelecimento de bairros residenciais de mais alto nível de renda na região sul da cidade.

Além dessas vias, o prolongamento da Avenida Nuno de Assis que deve ser realizado nas próximas administrações deverá - proporcionar uma ligação importante entre os núcleos habitacionais próximos à Rodovia Marechal Rondon e o centro da cidade e também - propiciará um trabalho de reurbanização dos bairros no seu eixo.

6.2 - O DISTRITO INDUSTRIAL

Implantado no ano de 1968 o distrito industrial abriga boa parte das empresas de maior porte do município e contou nos dois primeiros anos com a instalação de 7 indústrias. Nas décadas de 70 e 80 instalam-se 16 e 14 indústrias, respectivamente, atingindo no ano de 1987 um elevado percentual de ocupação efetiva - (78%). Cabe notar que as empresas que aí se instalam na década de 70 constituem-se nos maiores estabelecimentos industriais em número de empregados implantados no período. A aquisição do terreno a preços simbólicos foi o incentivo por parte da Prefeitura, sendo - as obras de infraestrutura realizadas pelas empresas.

Localizado a 3 Kms. do centro e centralizando grande parte da mão de obra industrial da cidade teve papel importante na expansão urbana. A partir de 70, assentam-se em suas proximidades núcleos habitacionais com intuito de fixar o operariado, objetivando o barateamento dos custos de transportes do trabalhador e das - empresas.

Os núcleos, entretanto, tiveram sua localização determinada de modo a não ficarem na direção nordeste, por ser o sentido predominante dos ventos da região, muito embora as empresas - aí localizadas não sejam poluidoras.

Com o início do estabelecimento do segundo distrito industrial, também na região leste, novamente surge essa preocupação do assentamento dos trabalhadores nas proximidades, devendo - surgir novos núcleos habitacionais.

6.3 - OS CONJUNTOS HABITACIONAIS

Outra característica marcante do crescimento urbano de Bauru é o surgimento dos núcleos habitacionais que condicionam a incorporação de novos territórios.

A quase totalidade dos novos bairros implantados a - partir da década de 1970 corresponde a esses núcleos, na maioria - realizados pela COHAB de Bauru, empresa de economia mista com 72% do capital integralizado da Prefeitura de Bauru, que inicia suas atividades em 1967 e que segundo a revista "Quem é Quem na Economia Brasileira" em 1986 atinge o 7º posto entre as Cooperativas habita

cionais do Brasil.

Até o ano de 1987 foram implantados 18 núcleos, além da realização de financiamentos (como mostra o Quadro I), perfazendo um total de 8851 moradias que abrigam uma população aproximada de 45000 pessoas. Deste total de projetos 7 foram realizados de fins de 60 até fins de 70 num total de 2816 moradias. Há portanto uma aceleração do processo no período de 70/80, em que o aumento do número de moradias é cerca de 2,14 vezes maior.

Esse maior crescimento acompanhou a expulsão da população de áreas centrais para outras em que os custos são mais reduzidos e um aumento das migrações para a cidade, fato este que só poderá ser observado quantitativamente com a realização do próximo censo demográfico. Entretanto, são visíveis suas consequências - um dos problemas recentes da cidade consiste no aparecimento e crescimento de aglomerações de barracos. Esse movimento de favelização, contudo, vem sendo combatido pela prefeitura com a realização de mutirões de construção, programa também efetuado pela COHAB que lançou esse sistema no Brasil em 1979.

Outra consequência deste processo é o aumento do déficit habitacional que atinge um número aproximado de 20 mil moradias e que tende a ser diminuido com a execução de 6 novos projetos da COHAB, três dos quais já em execução no ano de 1988 e que também devem se aproveitar de vazios da malha urbana existente.

De maneira geral as distâncias dos núcleos ao centro da cidade são relativamente reduzidas, numa faixa de 3 a 10 Kms. e mesmo as mais distantes contam com vias próximas que facilitam acesso à região central.

O processo de estabelecimento dos conjuntos habitacionais, entretanto, adquirem uma característica interessante. Espalhados pelos arredores da cidade vão configrando um cercamento da cidade, principalmente na região norte-nordeste. Na região sul se dá numa escala muito pequena, por ser área onde realmente se efetiva a ocupação por classes mais elevadas de renda e por toda a rede de serviços que lhes dá apôio.

QUADRO I

NOME DO CONJUNTO	Nº DE CASAS	DATA DE INAUGURAÇÃO
Jardim Redentor	452	01/07/1968
Nova Esperança I	252	01/03/1970
Jardim Redentor II	662	01/07/1973
Terreno Próprio	13	1974
Bom Samaritano	105	01/04/1977
Nova Esperança II	400	01/06/1979
Terreno Próprio	506	01/10/1980
Ampliação	480	1980
Jardim Redentor III	132	01/07/1979
Presidente Ernesto Geisel	800	01/05/1979
Presidente Ernesto Geisel II	1113	01/07/1980
Presidente Ernesto Geisel III	312	01/07/1980
Alto Alegre	248	01/01/1981
Beija Flor	1220	01/07/1982
Vila São Paulo (mutirão)	104	01/12/1982
Jardim Europa (mutirão)	46	01/12/1982
Ouro Verde (mutirão)	120	01/11/1983
Parque Jaraguá (mutirão)	171	01/11/1983
Edson Bastos Gasparini	1228	01/08/1984
Luiz E. Coube (mutirão)	88	01/08/1984
Darci César Improta (mutirão)	137	1987
FICAM IV	262	1987

Fonte: COHAB-BAURU

6.4 - OS LOTEAMENTOS

Embora seja um fator que contribuiu para ocupação do espaço urbano bauruense, o estabelecimento de loteamentos não foi - preponderante no processo, tendo, na década de 70, a sua maior participação, uma vez que nessa época grande parcela da população vê aí uma alternativa para aplicação de renda.

Entretanto, a crise dos anos 80 impediu que os planos da população de morar em bairros de níveis de renda mais homgeneizados, se efetivassem.

Ocorre ainda uma intesificação do processo de especulação sobrevalorizando os terrenos, principalmente aqueles localizados ao sul, região de padrão mais elevado.

Existe um número elevado de vazios na malha urbana, o que pode ser observado pelos dados do cadastro fical da prefeitura que apontáva, em 1986, 130 mil cadastramentos para o pagamento do IPTU, entre terrenos e imóveis, para um total de 60 mil imóveis - construidos.

6.5 - O FAVELAMENTO E O INTER-RELACIONAMENTO DOS FATORES

Segundo informa a Secretaria de Projetos Comunitários (SEPROCOM), existem 4 aglomerações de barracos, que não são considerados "favelas" pelo seu reduzido tamanho. A população favelada, - em 1987, era estimada em 3000 pessoas, menos de 1,5% sobre o total da população estimada para o mesmo ano.

Localizados em áreas de difícil acesso, têm recebido assistência da Prefeitura, através da COHAB e da SEPROCOM., que busca integrar essa população - a primeira através dos projetos de mutirão e asegunda atuando na parte social, através de projetos de integração do menor através de hortas comunitárias e procedendo a - triagem da população para o fornecimento de cestas de alimentos, remédios e encaminhados aos serviços de colocação profissional.

O processo de crescimento urbano de Bauru tem, portanto, causas que estão intimamente relacionadas. A partir do estabelecimento de um sistema viário completamente estruturado pôde-se efetuar o assentamento de atividades urbanas e determinar-se a localização de bairros residenciais que se relacionavam a estas atividades e com a dinâmica do seu crescimento.

O movimento cria, ainda, vazios na malha urbana que dão margem a uma intensa especulação encarecendo propriedades nas - zonas central e sul o que rebate na expulsão da população de mias - baixa renda para a zona periférica caracterizando o cercamento da cidade.

6.6 - ALGUNS INDICADORES URBANÍSTICOS

Ao observamos a estrutura domiciliar do município de Bauru pelos dados dos Censos Demográficos verificamos a existência, em 1970, de 27291 domicílios permanentes dos quais 15412 eram proprios (56,5% do total); para o ano de 1980 elevou-se o número de domicílios para 43595 sendo 26455 próprios, representando um aumento nesse percentual (60,7%). A taxa de crescimento em números de domicílio não foi das mais expressivas (4,8%), na verdade foi inferior inclusive a taxa de cidades de menor porte como Americana (7,8%), Limeira (6,2%) e de, maior ou igual porte como Campinas (7,3%), Ribeirão Preto (5,6%), Sorocaba (5,2%) e Rio Preto (5,9%). Entre as cidades de maior destaque só duas tiveram taxas menores a Capital com 3,3% e Santos (3,4%).

Do ponto de vista do número de habitantes por domicílio observa-se que houve uma redução nessta taxa de maneira generalizada pelo estado tendo as maiores e principais cidades na faixa de 3,7 a 4,6 habitantes por moradia no ano de 1980. Bauru teve uma redução deste índice de 4,6 para 4,2.

Outro indício de melhoria das condições de vida da população bauruense pode ser medido pelo avanço das ligações efetuadas à rede de água. No ano de 1970, a cidade possuia 21188 domicílios ligados à rede num total de 81,3%. Esta taxa era inferior a dos municípios de Santos (com 98,1%); Campinas (82,3%); Ribeirão Preto (85,7%); Sorocaba (87,4%) e São José do Rio Preto (82,1%). A cidade de São Paulo teve na época uma taxa de 64,3%. Para o ano de 1980, Bauru passa a contar com 37224 ligações num total de 85,4% dos domicílios; no mesmo ano Santos tem 96,7%; Campinas, 80,2%; Ribeirão Preto, 91,5%; Sorocaba, 88,6%; São José do Rio Preto, 84,0% e a capital 89,1%. Observamos que houve aumento das ligações à rede de água na cidade perfeitamente compatível com a taxa de crescimento indicando uma pronta ação do poder público de maneira até mais eficiente que nas outras cidades citadas. De fato isso pode ser verificado na queda dos percentuais de Santos e Campinas, estando a elevação do crescimento ligada a um decréscimo da eficiência desses serviços.

As condições da rede de esgoto no período 70 a 80 também encontraram melhoria significativa no período. De 15293 domicílios ligados a ela no ano de 1970, ou seja, 56,5% do total passa-se a 32682 (75%) no ano de 1980. Esse movimento se assemelha ao movimento geral das cidades citadas, entretanto o percentual ainda fica abaixo dos índices da maioria destas. Para comparação temos: Santos (com uma elevação de 80,2% para 90,2%); Campinas (de

65,3% para 70,9%); Ribeirão Preto (70,8% para 84,9%); Sorocaba - (69,8% para 83,6%); São José do Rio Preto (de 69,3% para 77,9%). A capital possuia em 1980 65,99% de ligações.

Da mesma forma observa-se uma expansão do número de domicílios ligados à rede de energia elétrica de 24591 (89,9% do total), em 1970, atinge-se 41936 (96,2%) em 1980. Com relação a este ítem, o processo também é semelhante ao do estado de maneira geral, sendo a taxa encontrada em 1980 aproximáda o das cidades - onde este serviço mais se desenvolvera.

A significativa melhora da infraestrutura é visivel, entretanto, o elevado deficit existente no serviço de esgoto é um problema que vai perdurar durante década de 80 como veremos adiante.

7 - TENDÊNCIAS DOS ANOS 80

Introdução

Observa-se durante os anos 80 uma intensificação do processo de interiorização da indústria muito provavelmente relacionado a desempenho do setor primário e ao esforço exportador - que caracterizou a economia nacional no perfoco recente.

A região de Bauru tem elevado crescimento industrial no período não só visando atender a sua área próxima de influência, mas também o mercado externo o que é percebido pela elevação do montante das exportações, em torno de 400% no período de - 86-87. Somente para o 1º semestre de 88 conseguiu-se um total aproximado de US$ 13 milhões de dólares, o mesmo valor correspondeu ao total das exportações de 87 (dados da CACEX-BAURU). Entretanto, estes dados estão substemados, uma vez que a maior parte - das empresas da região fazem suas exportações pela CACEX de São Paulo.

A política de interiorização da indústria foi reforçada com a determinação por parte do governo estadual da criação de postos do BADESP junto às delegacias do CIESP para financiamento da atividade industrial. Cerca de Cz$ 45 bilhões (julho/88) - foram destinados aos programas de interiorização industrial. Isso reflete na diminuição da arrecadação do IPI da região metropolitana de 74,6% para 70% no período 80/86; do resto do estado cresce, portanto, de 25,3% para 30%.

Vejamos como a cidade de Bauru se vê influenciada - por esse processo e quais as consequências na expansão de sua malha urbana.

7.1 - A INDÚSTRIA

Na década de 80 o movimento de descentralização industrial se acentua pelo Estado de São Paulo de maneira a apresentar no período um decréscimo na oferta de empregos industriais na capital simultaneamente à elevação desta oferta pelas capitais regionais e centros urbanos mais desenvolvidos. Este processo ocorre é claro, de forma diferenciada pelas regiões administrativas acentuando em alguns casos um processo de reprodução dos padrões - metropolitanos.

A cidade de Bauru se vê inserida no processo de forma significativa. Dados mostram um crescimento do número de empregos de 8592 em 1980 para 9476 em 1985 e 13444 em 1987. Em nú-

mero de estabelecimentos passa de 322 para 363 e 508 respectivamente. Tabela 18.

Acentua-se sobremaneira o processo que se iniciou em fins de 60 e início de 70 quando da implantação do Distrito Industrial. Para o ano de 1970 havia um total de 280 empresas sendo - que na década anterior foram gerados apenas 151 empregos. Já na década de 70 dá-se uma expansão do número de empresas inferior à média do estado, entretanto, com maior expansão do valor da produção e da transformação industrial e também quanto ao pessoal ocupado (conforme citado na parte I, ítem 4.1.3).

Para a década de 80 os maiores acréscimos de estabelecimentos se dão nos ramos de produtos alimentares com 19 novas - empresas (13% do total) e metalúrgica com 14 (9,6%). Assim, no ano de 1987 surgem como principais ramos, em número de estabelecimentos o de produtos alimentares com 59 empresas, vestuário, calçados e artefatos de tecidos com 55; metalúrgicas com 54 e de produtos minerais não metálicos com 46. Respectivamente esses ramos apresentam 16,7%; 8,5%; 7,6% e 2,8% do total do número de emprezas industriais.

Nesse aspecto é importante destacar o ramo editorial e gráfico que possui 17,3% do total de empregados sendo que 909 - destes foram gerados no período 1985-1987; entretanto, no mesmo período surgiram apenas 7 novos estabelecimentos. Possuindo na sua maioria empresas de pequeno porte, com 32,3% possuindo menos de 10 empregados, esse ramo contribuia com 9,2% do VTI municipal em 1970 e 9,1% em 1980.

Outros ramos que também contribuiram significativamente no período 85-87 para elevar o número de empregos gerados - foram o de material elétrico com 687 (17,3% dototal) e de construção com 602 (15,1%).

Não obstante possua um parque industrial diversificado, a cidade de Bauru não conta com o aparecimento de novos ramos significativos quanto ao valor da transformação industrial - mantendo-se o alimentar (com 25,7%), químico (com 13,0%), mecânico (com 13,3%) e editorial e gráfico (com 9,1%) como os ramos preponderantes (Dados do Censo Industrial de 1980).

Não se observa portanto o surgimento de ramos de - tecnologia avançada devido principalmente à não existência de políticas específicas a nível estadual e federal que propiciassem esse desenvolvimento, como ocorre por exemplo com as regiões do Vale do Paraíba, que contou com estabelecimento de centros tecnológicos para o desenvolvimento das indústrias aeronáutica e bélica, de Campi-

nas, que conta com a existência de centros de pesquisas que desenvolvem trabalhos conjuntos às Universidades e ainda com a presença do Polo petroquímico de Paulínia. Também fatores econômicos como o menor dinamismo e nível de capitalização da agricultura local, que vão propiciar significativos rebatimentos sobre a indústria como se deu na região de Ribeirão Preto, explicam o menor crescimento de indústrias de grande porte; de fato, o município de Bauru - conta com 52,7% das indústrias com menos de 40 empregados.

Um dos aspectos da descentralização industrial é o - fato de que as empresas localizadas na metrópole e a se instalar - viram no interior do estado uma forma de barateamento de custos, - (os custos de locomoção e de instalação dentro da região metropolitana eram crescentes) e contou com um fator importante, o desenvolvimento de uma rede transportes eficiente e segura. Assim o norteamento do processo encontra os eixos Anchieta-Washingto Luís como vias preferenciais. Embora se localize em um entroncamento rodoferroviário importante, a cidade de Bauru não obtém vantagem significativa, pois a rede rodoviária que a atinge não possui completa infraestrutura e a rede ferroviária está estagnada.

A dinâmica do processo de industrialização bauruense, bem como veremos, da expansão do setor terciário está ligada à dinâmica de crescimento de sua região: sua função é predominantemente abastecer o mercado regional, muito embora, no período recente, com o impulso exportador, muitas empresas locais de setores tradicionais também passassem a dirigir ao mercado externo importante - parcela de sua produção.

7.2 - O SETOR TERCIÁRIO

Atividades características da cidade desde a sua fundação, o comércio e a prestação de serviços continuam dinâmicos ao longo do tempo reforçando o crescimento durante as décadas de 60, 70 e 80 como pode ser observado na tabela 13.

Verificamos uma elevação do número de estabelecimentos comerciais de 604 (em 1960) para 1129 (1970), para 1162 (1980) até atingir 2478 em dezembro de 1987, ocupando no ano de 1960 - 3079 pessoas, 5175 em 1970 e 8280 em 1980. Os percentuais tanto - em número de estabelecimentos quanto em pessoal ocupado e valor da receita giram em torno de 1,0% (em relação ao estado) com ligeiro decréscimo no período de 70 a 80. Apesar da falta de dados para o ano de 1987 se deve considerar como perfeitamente aceitáveis os meg

mos percentuais principalmente devido ao fato de que entre comércio e serviços 1000 novas inscrições são realizadas por trimestre na - lançadoria da prefeitura municipal.

O setor de serviços para 1960 contava com 584 estabelecimentos (com 1447 empregos), 850 em 1970 (com 2201 empregos), - 1505 em 1960 (com 5758 empregos) saltando para 4000 contribuintes - (por dados da lançadoria) prestadores de serviços físicos e jurídicos em dezembro de 1987. Se em termos de pessoal ocupado e valor - da receita os percentuais em relação ao estado vem decrescendo o mesmo não se observa com relação ao número de estabelecimentos que passa de 1,6 para 1,7 e 2,4 nos 3 primeiros anos citados.

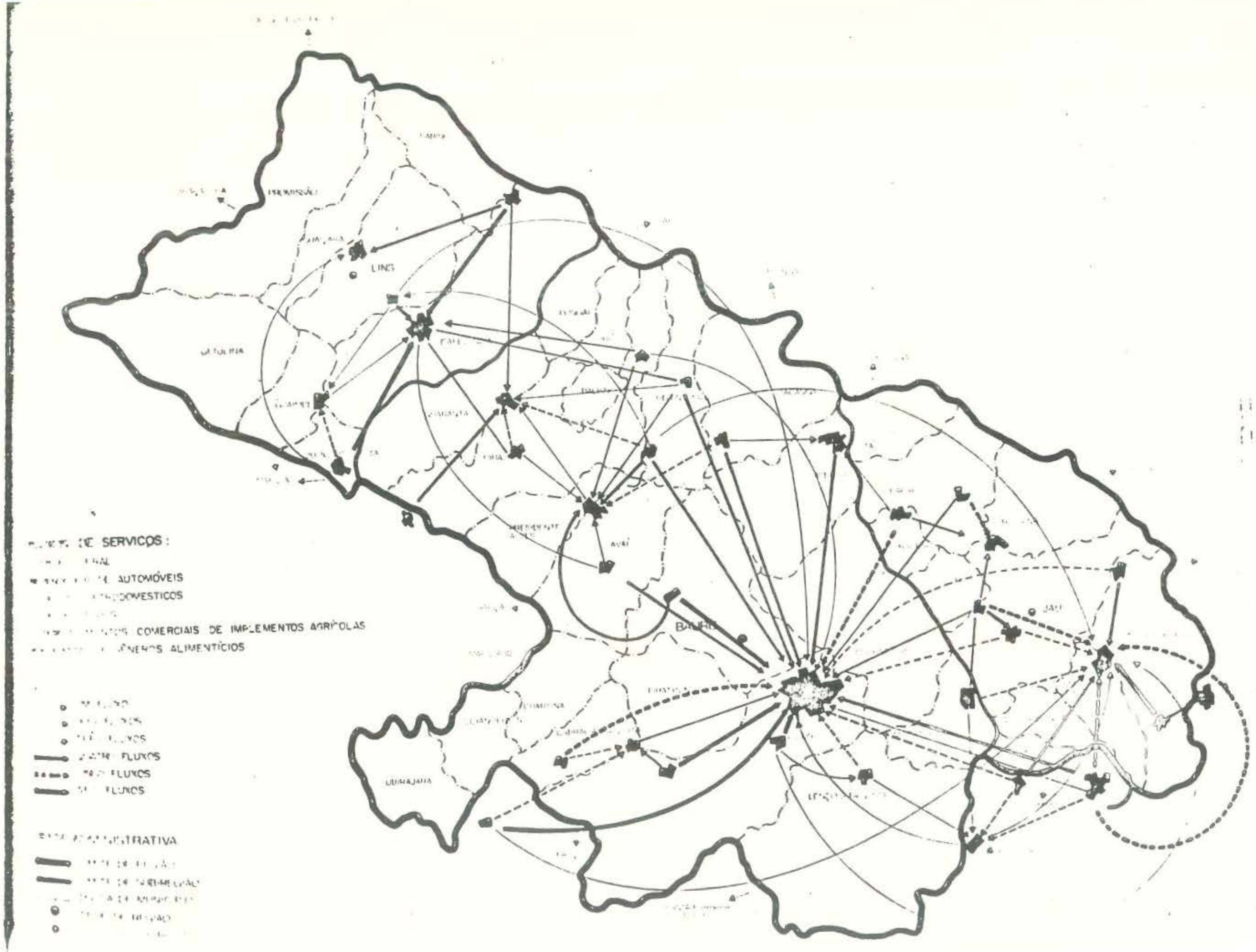
No ano de 1987, cabe notar, que essas atividades proporcionam ao município aproximadamente 54% da arrecadação (entre - ISS e taxa de licença).

Mesmo em uma década em que a perda do poder aquisitivo da população se acentuou, o comércio bauruense vem se dinamizando e crescendo, principalmente com a instalação de grandes grupos ou com expansão de grupos locais. Dessa forma empresas como Paiol (do grupo Makro), Magazine Luiza, Casa Felipe e outras de forte penetração a nível estadual se instalam na cidade nos últimos anos;Riachuelo, Tilibra, Rede Santo Antônio de Supermercados, Grupo Kalil Obeid (os três últimos empreendimentos locais) vêm se expandindo. A primeira conta, a partir de 88, com uma das maiores lojas do grupo, aí instalada; as Lojas Tilibra e Santo Antônio vêm se expandindo por - outras cidades desde o início da década e o Grupo Obeid conta com - um grande número de lojas pela cidade.

A expansão da rede de comércio e de serviços deve-se sobretudo ao potencial da região à qual Bauru serve como abastecedor, o que pode ser demonstrado através de estimativa do Grupo Makro de atender inicialmente cerca de 17 mil clientes de Bauru e cidades circunvizinhas, segundo informa o "Jornal da Cidade" de 25 de setembro de 1988.

Dessa forma o comércio bauruense tem como suporte uma série de pequenos municípios ao seu entorno e mesmo de regiões mais a oeste do estado que não possuem um centro abastecedor de - mesmo porte.

Com relação a estruturação dos serviços a preponderância de atividades de hotelaria, administração pública, transportes e ligadas a comercialização, dá espaço maior nos últimos anos a atividades ligadas aos serviços produtivos e ligadas a saude. De fato



FLUXOS DE SERVIÇ

ESCALA

0 10 20

DATA
1980

no ano de 1970 haviam apenas 152 trabalhadores nos serviçoes pessoais e produtivos, no ano de 1980 verificamos um aumento substancial para 1306 representando uma taxa de crescimento de 24,0%. Os serviços de saude pública e previdência contam com uma taxa de 11,7% de 550 para 1657 empregados. Das demais atividades citadas o setor de transporte apresenta decréscimo (-0,13) e as outras têm taxas de crescimento positivas, mas menos expressivas (5,7%, 4,0%, 5,6%, respectivamente).

7.3 - INDICADORES SOCIAIS E AÇÃO DO PODER PÚBLICO

Ao contrário do que ocorre a alguns centros regionais e cidades mais desenvolvidas, o processo de descentralização industrial não acarreta ao município de Bauru uma reprodução das características metropolitanas de queda do padrão de vida da população principalmente em se tratando de infraestrutura domiciliar, educação e saúde. Estes dois últimos inclusive foram considerados pontos de atuação prioritária da última administração (encerrada em 1988). É claro que o desenvolvimento regional e municipal representaram atrativos à população migrante o que proporcionou algum ônus e que deve ser considerada também como prioritária por parte das administrações futuras. Vejamos:

Houve desde a década de 70 um continuado processo de melhoria dos serviços relacionados ao abastecimento de água e energia elétrica e de captação de esgotos.

O abastecimento de água é feito principalmente pela captação e tratamento de água do Rio Batalha. Além disso existe um grande número de poços profundos (22) nos bairros que incrementam a produção total. Esta alcança em 1985 o índice de 62 milhões de litros por dia, isto é, 2272 mil litros por hora dos quais 1512 mil produzidos na Estação de tratamento de água e o restante nos poços profundos. O armazenamento é feito em 32 reservatórios.

Conforme podemos observar na tabela temos em 1986 um total de 56089 prédios ligados a rede de água representando 95,4% do total de domicílios; acentua-se portanto, sobremaneira a atuação por parte do poder público com relação a questão do abastecimento. Lembrando-se que o índice de 1980 era 85,4% verificamos que em termos percentuais consequiu-se mais em seis anos do que em toda a década de 70.

Melhoria importante também se verificou com relação a captação de esgotos que dos 75% em 1980 passa a contar com 46214 ligações em 1986 (78,6%), entretanto, melhoria significativa deve ser realizada uma vez que o déficit apresentado (21,4%) representa

um total de 12613 domicílios ou aproximadamente 54 mil pessoas. - (Tabela 14)

O abastecimento de energia elétrica é realizado pela CPFL que tem em Bauru 3 substações (com uma quarta em construção). Transita por Bauru 60% da energia gerada pelas usinas da CESP em uma subestação rebaixadora própria conferindo uma disponibilidade ilimitada de energia. O município figura com um dos - maiores entroncamentos de energia do mundo.

O número total de prédios ligados a rede de energia elétrica atinge em 1986, 58415 representando 99,3% do total. Além disso no período de 1980 a 1984 o consumo cresce em 26,2% (passando de 201547 mil Kwh de 1980 para 254395 mil Kwh em 1984). Do total consumido em 1984 20,96% era para fins comerciais, 24,05% para fins industriais, 34,5% residenciais, 4,5% fins rurais e 15,97% para outros fins.

Outro dado importante constitui o total de prédios com coleta de lixo de aproximadamente 90% (53535 domicílios).

Ao observarmos os dados da tabela 15 sobre a escolaridade, veremos que a taxa de Bauru é semelhante a de outras cidades do oeste paulista e a do estado. Nos primeiros quatro anos de estudo é inferior ma compensa a desvantagem nos quatro anos posteriores. A nível de colegial, o elevado número de cursos profissionalizantes faz com que a taxa nessa faixa seja superior de à média do estado.

Destaque se faz ainda ao elevado número de faculdades e cursos universitários (ao todo 42), que contribuem para a - formação profissional não só da comunidade bauruense, como de toda região. Cabe ressaltar a importância da Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB-USP) principalmente a nível de pós-graduação, - constituindo centro de reputação internacional.

A rede de ensino de 1º grau conta com 41 escolas - com 1155 classes (1985) com atuação da Prefeitura centrada no atendimento pré-escolar e creches. O atendimento pré-escolar é feito com a implantação de CER'S em nº de 30 até 1987 com 9000 crianças atendidas na faixa de 3 a 6 anos. Quanto às creches eram 17 particulares até 1985 e além disso foi instalado um programa de Casas de mães crecheiras, a partir de 1986, nos bairros onde não haviam outras creches; segundo o programa uma dona de casa toma - conta de 10 crianças vizinhas no máximo. Essas são mantidas pela prefeitura, com programa de alimentação e educacional além de assistência social.

Em 1987 existiam 16 creches caseiras.

A escolas de 1º grau municipais (5) localizam-se em escolas religiosas e confessionais até 1982. A partir daí desmembram-se de administração pública tornando-se particulares. Em 1987 existiam mais 3 escolas com um total de 56 classes e 1720 alunos.

O percentual de população analfabeta é de 19,3% menor que a média do estado (22,1% em 1980) concorre para isso o elevado número de escolas que oferecem cursos supletivos.

Além disso existe a educação de adultos em 24 classes em 16 bairros de baixa renda (dados de 1987).

Essas informações podem ser observadas nas tabelas 15 e 16.

Merece destaque os serviços de saúde de Bauru.

A cidade conta com 5 hospitais fundados antes de 1960 sendo: a Maternidade Santa Isabel mantida pelo INAMPS; a Beneficência Portuguesa é particular; o Hospital de Base onde se localiza o Pronto Socorro Municipal mantido por entidade filantrópica contando também co ajuda do estado e município; e dois hospitais especializados em doenças transmissíveis, o Manoel de Abreu (para tratamento de tuberculose, antigamente estadual sendo recentemente municipalizado e que passou também a ter internações gerais) e o Lauro de Souza Lima (para tratamento de hanseníase).

A partir de 1970 foram implantados 4 postos de saúde nos bairros mais populosos da cidade, isso aliado a ampliação do Hospital de Base permite que as taxas de mortalidade infantil caiam sensivelmente nesta década embora permanecesse elevada. Em 1970 era de 66,5 por mil e 1980 de 37,8 por mil.

Somente na década de 80 é que deliberadamente passa a ter o setor de saúde uma política de prioridade por parte de administração municipal.

A partir desse ano 10% das receitas orçamentárias do município passam a ser destinados ao setor. Houve uma reformulação no PSM que passa a atender cerca de 10 mil consultas/mês (médico-odontológica). Além disso criaram-se 20 Núcleos de Saúde em bairros periféricos, tendo como intuito o atendimento primário da população, sem necessidade de deslocamento, cerca de 80% dos problemas pediátricos ginecológicos e médicos em geral são resolvidos nos próprios núcleos. Os problemas não resolvidos são encaminhados para o Ambulatório de especialidades do INAMPS que conta

com 64 médicos de várias áreas. Além desse aparelhamento o Centro de Saúde I, do Estado, atende a serviços normais e casos de hanseníase, tuberculose, oftalmologia e doenças sexualmente transmissíveis.

Em 1987 ainda criou-se o ambulatório de Saúde do trabalhador que tem como maior atendimento casos de saturnismo, leucopenia e surdez profissional, que conta também com 1 departamento - jurídico, de assistência social, fono audiológica e enfermagem.

Um dos índices de melhora das condições de saúde da população bauruense pode ser observado pela taxa de mortalidade infantil que constitui em 1987 a menor do Brasil com 13,9 por mil - (crianças nascidas vivas até 1 ano).

Com relação ao transporte urbano existe uma única empresa a Empresa Circular Cidade de Bauru fundada em 1950 e que possui 139 carros distribuidos por 40 linhas. Dessas linhas apenas 4 correspondem a ligação bairro a bairro cabendo notar o papel da Avenida Rodrigues Alves de interligação de todas as linhas. O horário de funcionamento é das 5 da manhã até às 23;30 horas.

Dentre essas linhas as mais usadas são as que servem os núcleos habitacionais como Preisdente Geisel, Ipiranga, Nova Esperança, Otávio Rasi, Gasparini e Beija-Flor.

Essas linhas também são as mais extensas e ultrapassam o percurso médio que é de 17 Km. ida e volta.

A frequência dos ônibus para cada linha é de 15 a 20 minutos diminuindo em vários casos nos períodos de pico; as mais - pausadas são as que ligam os bairros mais ricos. Ao surgimento de novo loteamento ou conjunto habitacional imediatamente é feito atendimento por uma linha que inicialmente atende com 30 minutos de frequência, sendo a redução desse período determinado pelo eventual maior utilização da mesma.

Pode-se observar no quadro II a evolução do preço - das passagens nos últimos anos cabendo informar novos aumentos: de 26/01/88 para Cz$ 10,00; mais recentemente, em um período de aproximadamente 3 mêses, para Cz$ 33,00; Cz$ 35,00 e posteriormente Cz$ 40,00.

De modo geral a rede de transporte satisfaz razoavelmente a demanda desse serviço.

QUADRO II - EVOLUÇÃO DE PREÇO DAS PASSAGENS

16/01/86	-	Cz$ 1,10
14/01/87	-	Cz$ 1,80
20/02/87	-	Cz$ 2,00
14/04/87	-	Cz$ 2,50
20/05/87	-	Cz$ 3,00
03/06/87	-	Cz$ 3,70
21/08/87	-	Cz$ 4,70
25/09/87	-	Cz$ 5,00
06/11/87	-	Cz$ 6,30
02/12/87	-	Cz$ 8,20

A poluição ambiental, segundo informa a CETESB é inexpressiva na cidade de Bauru. A única fonte de maior preocupação é a poluição do Ribeirão Bauru e seus afluentes pelo recebimento de esgotos da cidade sem tratamento prévio. Além disso existem duas - empresas potencialmente poluidoras de água a SANBRA e o frigorífico Vangélio Mondelli, atualmente atendendo as especificações da CETESB para tratamento dos resíduos.

Quanto a poluição do ar é praticamente zero restrindo se a problemas da vizinhança como por exemplo recauchutagens e torrefações de café. O problema também é minimizado co a lei de zoneamento. As empresas potenciais poluidoras no caso como SANBRA e - AJAX também possuem sistemas eficazes para combate à poluição. Ocorrem problemas apenas com a inversão térmica no inverno com problemas ocasionados pela SANBRA.

Os problemas de poluição do solo se devem a má disposição sanitária dos resíduos domésticos, problema que deve ser corrigido com a instalação de uma usina de compostagem.

Finalmente as alternativas de lazer para os bauruenses estão intimamente ligados às suas características de centro prestador de serviços; particularmente pode-se observar a grande rede - de bares, restaurantes e lanchonetes que constituem alternativa de lazer à população mais pobre e atraem afluxo de pessoas da região - que se desloca para fazer compras. Essa vasta rede de serviços se localiza principalmente na Avenida Nações Unidas local também onde se realiza o desfile de escolas de samba no Carnaval. Ainda aí se localiza o Anfiteatro Vitória-Régia onde são realizados eventos culturais durante todo o ano.

A questão ainda se resolve em 3 clubes destinados à - classe média e alta contando com aproximadamente 15000 títulos da-

trimoniais, e com 4 cinemas com aproximadamente 2000 lugares. A não existência de teatro municipal faz com que as atividades culturais sejam realizadas em salões de clubes e associações.

A Prefeitura participa diretamente do lazer bauruense através de programações da Casa da Cultura tais como exposições, mostras de cinema e cursos durante o ano todo, realizados na própria séde do orgão. As exposições tem uma visitação média de 500 pessoas/mês (levantamento da própria Casa da Cultura). Além disso toda a programação de datas comemorativas também são realizadas pela Casa bem como outros eventos culturais e tem como palco o Anfiteatro Vitória-Régia. Uma das formas de atender a população da periferia é o caminhão palco da prefeitura c/apresentações populares nos bairros, atendendo solicitação das associações de moradores.

Ainda existe em Bauru o Zoológico Municipal aberto na década de 70 mas que só recebeu infraestrutura complementar - em 1983. Possuindo 250 animais de diversas espécies teve visitação média de 10 mil pessoas por mês no ano de 1987, ano em que - foi inaugurado nas suas dependências o primeiro aquário de água salgada do interior do Brasil. Nos fins de semana e feriados é servido por uma linha de ônibus com intervalo de 30 minutos que parte do centro da cidade.

De modo geral observa-se que a população bauruense teve uma melhoria considerável mesmo com o desenvolvimento elevado que apresentou a partir da década de 70 e não observou a reprodução da má qualidade de vida que se deu nos grandes e principais centros urbanos do estado com o advento do desenvolvimento e descentralização industrial. Ao contrário benefícios foram - conseguidos com esses movimentos uma vez que a arrecadação cresce principalmente devido ao desenvolvimento do setor terciário(o que caracteriza sobremaneira como centro prestador de serviços), e que possibilita a atuação da prefeitura nos serviçoes de saúde e educação minimizando as carências e tornando as políticas nessa área modelos. Entretanto deve ser observado que além da tentativa de manutenção dos níveis de atuação nessas áreas, deve-se enfatizar outras participações do município nas áreas de captação de esgotos e principalmente de moradias para cobrir o déficit habitacional que já atinge níveis preocupantes.

7.4 - NOTAS SOBRE EXPANSÃO URBANA, POPULAÇÃO E FAVELAMENTO

Conforme observamos em ítens anteriores o processo de expansão da malha urbana bauruense tem hoje como fator determinante preponderantemente a construção de conjuntos habitacionais que toma forma de um cercamento. O processo deve se acentuar nos próximos anos principalmente com a também já citada construção de mais 6 núcleos por parte da COHAB com um total de 9395 casas.

A questão que se coloca é como e porque esse crescimento toma essa forma.

No nosso parecer a questão está intimamente ligada as questões de perda de poder aquisitivo da população e dos saldos migratórios.

O constante processo inflacionário como panorama nacional tem consequências drásticas sobre a renda das famílias e isso se percebe de maneira muito clara no município de Bauru. Pelo fato de constituir-se em uma cidade preponderantemente comercial é neste setor que se verificam quedas significativas de atividade; embora não se tenha informações precisas é com frequência que se observa junto a imprensa bauruense relatos por parte dos comerciantes de queda do nível de vendas.

É claro que não é a esse fato que se refere a questão apresentada, mas este revela em parte a situação em que se encontra o bauruense: segundo dados do senso demográfico aproximadamente 60% da população estão na faixa de 1 a 5 salários mínimos. Comparado-se com a média do Estado (83%) temos uma posição sensivelmente melhor mas não satisfatória. O fato de que o setor terciário ter como característica uma baixa remuneração está intimamente ligado a esse elevado percentual. De maneira geral o aumento do mesmo setor parece ocorrer quando há um período de crise; eleva-se o número de empregos mas diminui-se o valor do salário real.

Atente-se ainda para o fato de que as cidades mais desenvolvidas da parte leste do estado, com um percentual maior da população ligada a atividades industriais têm uma maior proporção de famílias com mais de 5 salários mínimos. Para efeito de comparação temos Santos 60,0%; São Paulo 53,3%, Campinas 49,3%; Ribeirão Preto 43,3%; Sorocaba 44,3%.

A queda do poder aquisitivo da população aliado ao problema da especulação imobiliária crescente com o consequente encarecimento das propriedades urbanas centrais fazem com que os habitantes passem a deslocar-se em direção a periferia. Isto pode ser atestado pelo aumento no número de inscrição na COHAB-BAURU para financiamento estimado em 1987 em 16000 e pelo favelamen-

to crescente.

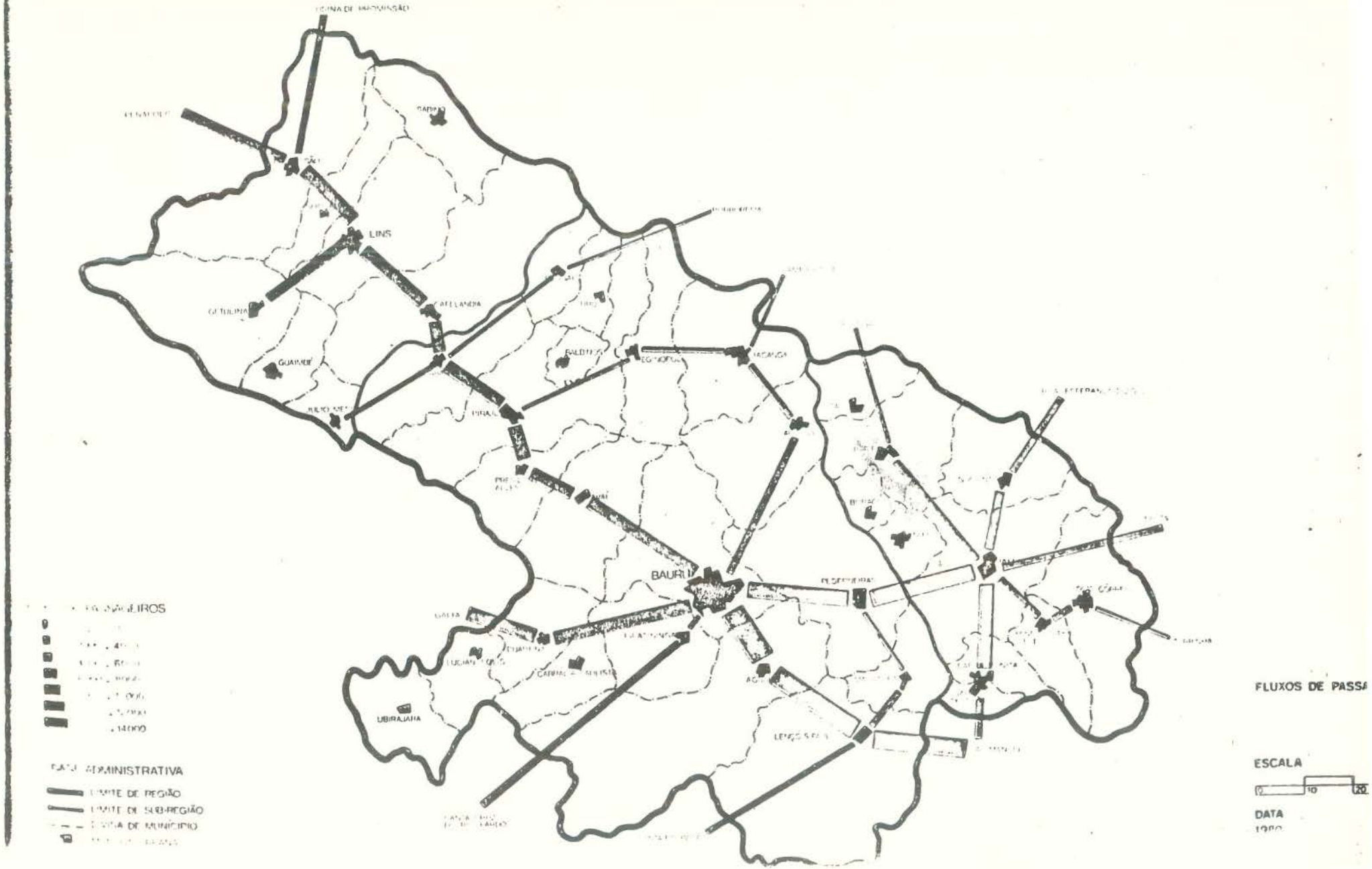
Conforme aponta o "Jornal da Cidade" de 22 de maio de 1988 existem em Bauru um número de mais de 1000 famílias faveladas - (tendo prativamente triplicado o número que fornecera a Seprocon de dezembro de 1987). Esse problema é também intensificado com a migração que embora não quantificada (espera-se os resultados do Censo Demográfico de 1990) é sensivelmente superior à apresentada durante a década passada. As migrações tem com fator fundamental as colheitas de café e cana da região ao entorno de Bauru; além disso outros tipos de atividade como por exemplo a construção civil também recrutam esse contingente populacional.

Outros fatores que também são representativos são as políticas municipais de atendimento ao migrante. No município encontram-se albergues e serviços de atendimento que encaminham a órgãos de recrutamento profissional; fornecem alimentação, remédios e até mesmo passes ferroviários para que os indivíduos retornem ao local de origem ou tenham outro destino. Mas ao invés de representar uma última contribuição esses serviços na verdade fazem com que se avolume cada vez mais a sua "clientela". Os indivíduos retornam de tempos em tempos acabando por se "integrar" à população do município.

A **SEPROCOM** e a COHAB como já dissemos desenvolveram - projetos para melhorar as condições de vida dessa população. Entretanto, a COHAB para desenvolver seu projeto de mutirão vem encontrando dificuldades com obtenção de verbas tornando o processo de estabelecimento desse contingente demorado e agravando os problemas levando-se em conta a continuidade das migrações.

Em parte a questão do déficit habitacional, tomado como o número de inscrições na COHAB tenderá a ser amenizado com a construção de novos núcleos, mas é preciso que se trate prioritáriamente este assunto sob pena de ser agravado o processo de marginalização da população (em termos de padrão de vida). Sobretudo essa posição contrasta fortemente com a situação da década de 1970, de superávit habitacional (não estimado), conforme relatado por Zarcillo - Barbosa, da COHAB, em janeiro de 1988.

Se tomarmos em consideração ainda o crescimento do número de domicílios na cidade veremos que a taxa de crescimento da década de 80 deve ser bem superior a da década anterior, uma vez que até 1986 já obtinhamos um número aproximado, desde 80, a elevação total do período 70/80. Assim para 43595 prédios em 1980 passa-se em 1986 a 58826, a que para uma estimativa populacional de 233778, corresponderia uma taxa de aproximadamente 3,97 moradores por domicílio, acentuando-se queda desse índice.


LINS
BAURU
UBIRAJARA
PASSAGEIROS
14000
DIVISÃO ADMINISTRATIVA
LIMITE DE REGIÃO
LIMITE DE SUB-REGIÃO
LIMITE DE MUNICÍPIO
FLUXOS DE PASSA
ESCALA
0
10
20
DATA
1980

CONCLUSÃO

A cidade de Bauru, séde de uma região, que tem saídas líquidas de população nas décadas de 60 e 70, manteve na mesma época crescimento diferenciado dos municípios vizinhos e embora não apresentasse um elevado dinamismo prepondera no desenvolvimento da região principalmente no movimento de interiorização da indústria que se dá mais expressivamente na década de 70.

Entretanto, a industrialização bauruense deu-se a partir do desenvolvimento do capital local e só nos últimos anos consolida certa representatividade a nível estadual e nacional. - Basicamente essa industrialização, esteve ligada ao desenvolvimento regional.

Observa-se que desde a década de 60 Bauru já apresentava uma taxa de urbanização elevada; além disso durante a década de 70 aprofunda-se um movimento de atração de migrantes, buscando colocação no seu mercado de trabalho. Esse acúmulo de população entretanto, não gerou problemas urbanos imediatos uma vez - que a COHAB de Bauru, agiu prontamente na construção de habitações populares chegando na mesma década e haver superávit habitacional, o que inclusive pôde reforçar essa migração.

Esse estabelecimento de núcleos proporcionou que as terras em suas cercanias (já urbanizadas) passassem a ser alvo de especulação imobiliária intensa, que ainda é reforçada pelo estabelecimento de um planejamento viário que influenciou sobremaneira o crescimento urbano. O planejamento viário estabeleceu alternativas à expansão comercial da cidade e fez com que a zona - mais ao sul da cidade pudesse ser ocupada por popularção principalmente de alta renda e que os loteamentos se valorizassem. Além disso o sistema viário ao ser desenvolvido propos o estabelecimento de distritos industriais ao redor do qual surgem conjuntos que atendem a demanda de trabalhadores das indústrias.

Percebe-se que o crescimento da malha urbana bauruense foi ordenada em um certo grau determinado pelo seu crescimento econômico, tendo a prefeitura municipal atuado ativamente; inicialmente na década de 70 procurou o desenvolvimento do sistema - viário e criação de infraestrutura domiciliar e na década de 80 atuou com ênfase nas áreas de educação, saúde e transporte.

As políticas de educação e saúde tornam-se modelo, os transportes permaneceram com baixas tarifas dos circulares e há implantação recente de linha suburbana de trens. Tudo isso - contribui para elevação do padrão de vida da população.

Entretanto torna-se necessário que a política de estruturação urbana seja constantemente revista dado que o crescimento bauruense se acelera sobremaneira. (Segundo dados da Fundação - SEADE o potencial do crescimento industrial da região de Bauru é o maior do interior do estado com 2,79% ao ano para 2,13% do Estado). Esse crescimento deve afetar sobremaneira a sede da região que - além de apresentar um crescimento industrial deverá ter sua rede - de comércio e serviços desenvolvida para atender uma demanda crescente.

Outro ponto que deve ser observado e ter prioridade de atuação para as próximas administrações é a questão do déficit habitacional que tende a se acentuar (no ano de 1988 atinge cerca de 20000 unidades domiciliares) dado que a ocorrência de migrantes é cada vez maior principalmente devida a esse crescimento acelerado.

APÊNDICE ESTATÍSTICO

Tabela 1

Região de Bauru
Imigrantes recebidos pelos principais municípios
1900-1939

MUNICÍPIOS \ PERÍODO	1900/09	1910/19	1920/29	1930/39	TOTAL
Lins.....	-	-	16.266	18.274	34.500
Jaú.....	9.484	13.572	6.932	925	30.913
Pirajuí.....	-	757	20.644	7.629	29.030
Bauru.....	4.305	8.640	8.296	4.958	26.199
Piratininga.....	-	632	13.595	4.225	18.422
Cafelândia.....	-	-	548	14.511	15.059
Avaí.....	12	12	10.285	2.058	12.367
TOTAL DA REGIÃO	20.155	34.600	91.593	70.785	217.133

FONTE: SÃO PAULO (Estado), Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. Boletim do serviço de imigração e colonização nº4, São Paulo, dezembro de 1941.
Extraído de: SEADE (Fundação), Análise Demográfica Regional, São Paulo, 1983.

Tabela 2

Região de Bauru
Populações dos principais municípios e centros urbanos
1920-1934

MUNICÍPIO	População Total 1920	População Total 1934	População Urbana do Centro 1934	Índice de Urbanização 1934(1) (%)
Bauru.....	20.386	45.852	22.733	51,50
Jaú.....	42.586	53.779	18.069	35,05
Lins.....	12.692	67.039	11.657	23,11
Bariri.....	23.830	25.398	5.356	23,39
Cafelândia....	8.157(2)	32.566	4.839	17,46
Dois Córregos.	19.590	17.577	4.660	39,69
Pederneiras...	28.488	23.312	4.247	21,02
Promissão.....	3.490(2)	25.923	4.236	16,69
Pirajuí.....	29.042	58.830	4.166	12,63
Agudos.....	15.702	23.509	3.592	19,02

FONTE dos dados brutos: FUNDAÇÃO IBGE, Censo demográfico do Estado de São Paulo de 1920; SÃO PAULO (Estado), Secretarias de Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio, Educação e Saúde Pública, Recenseamento demográfico, escolar e agrícola-zootécnico do Estado de São Paulo, 1934.

(1) Inclui as populações urbanas de todos os distritos.

(2) População como distrito.

Extraído de: SEADE (Fundação), Análise Demográfica Regional, São Paulo, 1983.

Tabela 3

Região e sub-região de Bauru
Saldos migratórios
1940/80

Período / Sub-regiões	1940/50	1950/60	1960/70	1970/80
Bauru.....	-60.186	-44.552	-47.711	26.709
Lins.....	-49.897	-34.878	-51.019	-16.353
Jaú.....	-39.686	-13.802	-34.679	7.005
Região de Bauru.....	-149.769	-93.232	-133.409	17.361

FONTE: FUNDAÇÃO SEADE, Movimento do registro civil, 1940/80, São Paulo.
Extraído de: SEADE (Fundação), Análise demográfica regional, São Paulo, 1983.

Tabela 4
Região e sub-regiões de Bauru
Taxas de crescimento anuais
1920/80

Sub-regiões	1920/34	1934/40	1940/50	1950/60	1960/70	1970/80
Bauru.....	3,82	2,53	-0,54	0,79	0,36	2,58
Lins.....	12,35	3,20	-1,14	0,39	-1,93	0,34
Jaú.....	-0,17	-0,67	-1,01	1,81	-0,18	2,22
Região.....	3,60	1,88	-0,81	0,93	-0,31	2,05

FONTES: Dados Brutos- FUNDAÇÃO IBGE, Censos demográficos do Estado de São Paulo de 1920,1940,1950,1960,1970;Sinopse preliminar do Censo demográfico do Estado de São Paulo de 1980, Rio de Janeiro, 1981.
SÃO PAULO (Estado), op. cit., 1934.
Extraído de: SEADE (Fundação), Análise demográfica regional, São Paulo, 1983.

Tabela 5
Região de Bauru
Tratores existentes na região
1940/75

ANO	POTÊNCIA (em C.V.)			TOTAL
	-10	10 a 50	+50	
1940	61	58	(*)	119
1950	84	276	(*)	360
1960	134	1522	181	1837
1970	151	1735	1731	3617
1975	206	1806	4496	6508

FONTE: FUNDAÇÃO IBGE, Censo econômico do Estado de São Paulo de 1940; Censo agropecuário do Estado de São Paulo de 1950,1960,1970 e 1975.

(*) Estão englobados em 10 a 50 C.V.

Extraído de: SEADE (Fundação), Análise demográfica regional, São Paulo, 1983.

Tabela 6
Região de Bauru
Pessoal ocupado por setores econômicos
1940/70

ANO	PRIMÁRIO	SECUNDÁRIO	TERCIÁRIO	TOTAL
1940	161.603	10.465	31.500	203.568
1950	123.585	17.373	44.389	185.347
1960	116.796	21.228	65.028	203.052
1970	76.177	33.138	81.288	190.603

FONTE: FUNDAÇÃO IBGE, Censos demográficos do Estado de São Paulo de 1940,1950,1960 e1970, Rio de Janeiro.
Extraído de: SEADE (Fundação), Análise demográfica regional, São Paulo, 1983.

TABELA 7: TAXAS DE URBANIZAÇÃO E DE CRESCIMENTO ANUAL GEOMÉTRICO (1960 / 1980):

REGIÕES	1960			1970			1980		
	TX.CRESC. POP.TOTAL 1950/1960	TX.CRESC. POP. URB. 1950/1960	TX. DE URBAN;	TX.CRESC. PCP.TOTAL 1960/1970	TX.CRESC. POP. URB. 1960/1970	TX. DE URBAN.	TX.CRESC. POF.TOTAL 1970/1980	TX.CRESC. POP. URB. 1970/1980	TX. DE URBAN.
EST. DE S. PAULO	3,54	5,43	62,8	3,19	5,76	80,3	3,49	4,51	88,6
CAPITAL	5,23	4,75	88,0	4,79	6,05	99,1	3,67	3,57	95,2
RMSP	5,93	4,69	83,6	5,44	7,01	96,7	4,46	4,45	96,8
INTERIOR	2,89	5,91	52,7	2,48	5,57	70,9	3,4	5,13	83,8
REGIÃO DE BAURU	0,33	4,3	48,1	-0,44	3,16	68,7	2,04	3,54	79,4
BAURU	3,68	5,03	91,4	3,72	3,76	91,5	3,27	3,86	96,8

FONTE: CENSOS DEMOGRÁFICOS - 1960/1970/1980 - IBGE

TABELA 6 : REGIÃO DE BAURU, CLASSES DE SOLO E APTIDÕES

CLASSES	ÁREA OCUPADA (Km^2)	OCUPAÇÃO (%)	APTIDÃO
III	4.069	25,1	Cultura anual
III e IV	3.024	18,6	Pastagem com rotação de cultura anual (também com cultura perene)
IV	689	4,2	Áreas com sérios problemas de erosão- cultura perene
IVf	4.644	28,6	Reflorestamento e pastagens
V	272	1,2	Várzeas não trabalhadas
V e VI	496	3,1	Silvicultura e pastagens
VI	63	0,4	Silvicultura e pecuária
VIf	2.433	15,0	Reflorestamento e pastagens
VII	474	2,9	Silvicultura e pastagens
VIII	73	0,4	Abrigo de flora e fauna

TABELA 9 : DISTRIBUIÇÃO DAS ÁREAS POR CATEGORIA DE COBERTURA VEGETAL DAS TERRAS NA REGIÃO DE BAURU-1973

COBERTURA VEGETAL	ÁREA OCUPADA(ha)	PARTICIPAÇÃO(%)
-Pastagem	700.800	43,17
-Cultura Perene	112.280	6,92
-Cultura Temporária	289.890	17,86
-Reflorestamento	51.380	3,16
-Cerrado	122.210	7,53
-Mata	39.710	2,44
-Capoeira	37.650	2,32
-Campo Cerrado	4.880	0,3
-Cerradão	15.260	0,94
-Outros	249.340	15,36
TOTAL	1.623.400	100,00

FONTE: Instituto Agronômico de Campinas.

TABELA 10: INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO: PESSOAL OCUPADO E VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL

1970/1975/1980

PESSOAL OCUPADO

	1970	PART.(%)	1975	PART.(%)	1980	PART.(%)	TX.Cresc ANUAL 70/80
EST. S. PAULO	1.288.889	100,0	1.814.894	100,0	2.278.389	100,0	5,86
RMSP	904.079	70,1	1.235.837	68,1	1.461.477	64,1	4,92
INTERIOR	384.810	29,9	579.057	31,9	816.912	35,9	7,82
REGIÃO BAURU	17.308	1,4	25.046	1,4	34.176	1,5	7,04
BAURU	3.817	0,3	6.621	0,4	8.930	0,4	8,87

VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL

EST. S. PAULO	30.951.026	100,0	171.525.517	100,0	2.105.850.014	100,0	9,5
RMSP	23.117.346	74,7	119.048.569	69,4	1.321.388.113	62,8	7,6
INTERIOR	7.883.680	25,3	52.476.948	30,6	784.461.901	37,2	13,65
REGIÃO BAURU	278.559	0,9	1.663.798	1,0	27.376.050	1,3	13,56
BAURU	51.142	0,2	349.072	0,2	4.962.689	0,3	13,5

TABELA 11: INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO: ESTRUTURA INDUSTRIAL DA REGIÃO DE BAURU: 1960 A 1980.

GRUPOS E RAMOS	NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS				NÚMERO DE OPERÁRIOS				VALOR DA TRANSF. INDUSTRIAL			
	1960	1970	1975	1980	1960	1970	1975	1980	1960	1970	1975	1980
GRUPO I	61,3	57,6	52,8	48,5	62,5	70,3	55,3	56,5	79,2	76,5	56,8	55,0
Têxtil	1,0	1,7	2,0	1,4	14,7	19,0	16,2	11,0	10,1	15,2	8,4	7,9
Vestuário	7,3	7,5	7,0	9,9	3,7	7,7	9,5	14,4	2,3	3,4	3,7	5,0
Alimentos	36,2	32,2	31,5	24,3	28,8	28,1	18,7	18,5	52,9	38,1	33,9	33,9
Outros	16,9	16,3	12,4	12,9	15,4	15,5	10,9	12,5	13,8	19,8	10,7	8,2
GRUPO II	34,3	32,3	33,7	35,6	20,0	22,8	25,0	22,6	15,9	18,5	26,3	31,5
Química	0,8	1,6	2,6	2,5	2,3	5,4	4,2	2,8	5,5	8,9	11,0	17,1
Minerais ñ. met.	19,5	15,5	15,6	18,0	11,5	8,4	8,1	6,8	5,8	3,9	3,8	2,4
Metalurgia	2,7	5,8	5,3	7,1	0,8	3,7	4,9	4,1	0,6	1,9	3,9	2,3
Outros	11,3	9,3	9,3	8,0	5,4	5,3	7,8	9,0	4,0	3,8	7,6	9,8
GRUPO III	4,4	10,0	13,5	15,8	17,5	6,9	19,7	20,9	4,9	5,0	16,9	13,5
Mecânica	0,8	4,6	4,9	8,0	2,0	3,9	8,9	11,6	1,0	3,1	10,6	9,0
Mat. Transp.	2,1	1,6	2,7	2,4	14,8	1,1	5,1	3,5	3,7	1,0	2,4	1,5

TABELA 12: ORIGEM DA POPULAÇÃO RESIDENTE

Municípios	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)
Avaí	5.367	2.685	2.041	1.230	1.747	3.397
Arealva	6.788	3.064	2.160	870	1.370	3.528
Piratininga	10.056	5.101	2.799	1.457	2.380	4.221
Pederneiras	26.107	12.101	6.787	3.750	5.507	6.142
Agudos	24.478	10.827	5.398	2.949	4.810	4.760
Bauru	186.659	102.730	34.482	20.311	36.068	5.903
Lins	51.038	24.391	10.307	4.669	7.946	6.296
Jaú	74.012	26.104	14.064	6.900	9.993	11.872
P. Prudente	136.849	74.296	34.429	12.027	23.515	7.200
S. J. R. Preto	188.599	111.704	40.906	20.830	47.267	9.594
Estado S. P.	25.042.074	13.233.537	6.284.470	2.861.668	3.773.480	2.844.334

FONTE: CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DEMO-ECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE BAURU, JACQUES H. VERVIER, 1986

TABELA 13: SETOR TERCIÁRIO- EST; DE SÃO PAULO E BAURU= 1960 a 1980

SETOR DE SERVIÇOS:

		1960	1970	1980
Nº DE ESTABELEC.	BAURU	584	850	1.505
	S. PAULO	36.254	50.556	62.426
	PART.(%)	1,6	1,7	2,4
PESS. OCUPADO	BAURU	1.447	2.201	5.758
	S.PAULO	524.488	893.544	2.668.598
	PART.(%)	0,3	0,3	0,2
VALOR RECEITA	BAURU	392.983	26.618	2.385.380
	S. PAULO	44.528.694	4.749.580	507.510.146
	PART.(%)	0,9	0,6	0,5

SETOR COMERCIAL :

Nº DE ESTABELEC.	BAURU	604	1.129	1.162
	S.PAULO	79.238	131.919	162.492
	PART.(%)	0,8	0,9	0,7
PESS. OCUPADO	BAURU	3.079	5.175	8.280
	S. PAULO	267.512	473.115	811.466
	PART.(%)	1,2	1,1	1,0
VALOR RECEITA	BAURU	6.195.783	655.526	34.847.614
	S. PAULO	514.458.840	55.090.951	3.353.709.583
	PART.(%)	1,2	1,2	1,0

FONTE: Censo Comercial e de Serviços- 1960/1970/1980.

Tabela 14.

Evolução recente da infraestrutura domiciliar em Bauru

Domicílios	1983	%	1984	%	1985	%	1986	%
TOTAL	55407	100,0	57447	100,0	58156	100,0	58827	100,0
C/ Água	47677	86,1	52651	91,7	54245	93,3	56089	95,4
C/ Esgoto	40282	72,7	43318	75,4	45083	77,5	46214	78,6
C/ Energia Elétr.	53454	96,5	56589	98,5	57689	99,2	58415	99,3

FONTE: Prefeitura Municipal de Bauru, Acessoria de Imprensa.

TABELA 15: TAXA DE ESCOLARIDADE POR ANOS DE ESTUDO- 1980

Anos de Estudo / Municípios		TOTAL	1	2	3	4	5	6	7	8	9	11	12	13	14	15	16	17
BAURU		165 762	8.799	12.464	15.082	36.414	7.512	6.776	6.958	10.782	3 054	11.636	1.630	1.899	2.084	3.716	1.232	319
	%	100.0	5.3	7.5	9.1	22.0	4.5	4.1	4.2	6.5	0 9	7.0	1.0	1.1	1.3	2.2	0 7	0 2
[illegible]		65 816	3.670	5.069	6.620	16.463	2.021	1.720	1.794	3.232	1.016	3.701	341	373	442	1.125	352	160
	%	100 0	5.6	7.7	10.0	25.0	3.1	2.6	2.7	4.9	1.5	5.6	0 5	0.6	0 7	1 7	0.5	0 2
LINS		45 728	2 439	3.380	4.340	8.312	2.062	1.884	1 928	2.704	1 060	3 085	434	382	593	1 169	331	13[illegible]
	%	100.0	5.3	7.4	9.5	18.2	4.5	4.1	4.2	5.9	2.3	6.8	0.9	0 8	1 3	2 6	0 9	0.3
PRESIDENTE PRUDENTE		121 121	7 686	8.872	10.431	24.399	5.700	5.373	4.779	7.046	2.384	7 557	1 279	1 070	1 460	2 912	341	328
	%	100 0	6.3	7.3	8.6	20.2	4.7	4.4	3.9	5.8	2.0	6.2	1.0	0.9	1.2	2.4	0.3	0.2
S. J. RIO PRETO		169 039	9 058	12.360	15 469	37 530	7.718	6.925	7.095	10 383	3 017	11 047	1 429	1 440	2 072	4 779	784	634
	%	100 0	5.3	7.3	9.2	22.2	4.6	4.1	4.2	6.1	1.8	6.5	0.8	0.8	1.2	2.8	0.5	0.4
EST. SÃO PAULO		21.994 481	1.279.015	1.750.850	2.228 579	5.012 520	916.080	829.627	759.637	1.303.261	331 125	[illegible]	[illegible]	145 995	187 119	393 127	151 032	69 721
	%	100.0	5 8	8 0	10.1	22.8	4.2	3.8	3.5	5.9	1.5	[illegible]	[illegible]	0 6	0 8	1 8	0 7	0 3
BRASIL		101 542 940	6.531.313	8 250.191	9 661.192	18.237.584	5.419 460	3.008.973	2.752.265	4 722.227	1.250.125	4 192 179	444 397	426 492	296 874	1.076.665	468.456	220 952
	%	100 0	6.4	8.0	9.4	17.8	5.3	2.9	2.7	4.6	1.2	4.1	[illegible]	0.4	0.3	1.1	0.5	0.2

FONTE: Contribuição ao estudo demo-econômico do município de Bauru,
Jacques H. Vervier, 1986

TABELA 16 : EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE BAURU- 1986

ESCOLAS	1º GRAU		2º GRAU	PRÉ-ESCOLA	EDUC. ESPECIAL	SUPLETIVO	TOTAL
	1ª a 4ª	5ª a 8ª					
ESTADUAIS	18.654	13.238	3.921	647	126	413	37.386
Nº DE CLASSES	590	439	118	25	12	14	1.220
PARTICULARES	3.471	2.429	4.441	998		1.101	12.441
Nº DE CLASSES	116	70	115	41		28	370
MUNICIPAIS	975	353		2.265			8.593
Nº DE CLASSES	35	15		242			292
TOTAL	23.101	16.020	8.362	8.910	126	1.519	58.420
Nº DE CLASSES	741	524	233	308	12	42	1.882

FONTE: DELEGACIA DE ENSINO DE BAURU.

Tabela 17

Educação no município de Bauru - 1984

População estudantil..... 65.724

Pré-escola.....			9.873 alunos
MUNICIPAL - 28 C.E.R.	- 229 turmas	- 6.937 alunos	
14 creches	- 129 turmas	- 1.029 alunos	
PARTICULAR- 7 escolas	- 44 turmas	- 961 alunos	
ESTADUAL - 14 escolas	- 25 turmas	- 646 alunos	
1º Grau.....			40.215 alunos
MUNICIPAL - 3 escolas	- 51 classes	- 1.343 alunos	
ensino especial	27 classes	- 380 alunos	
PARTICULAR- 10 escolas	- 181 classes	- 5.745 alunos	
supletivo	- 29 classes	- 1.131 alunos	
ESTADUAL - 33 escolas	-1.022 classes	- 30.655 alunos	
supletivo	- 15 classes	- 474 alunos	
isoladas rurais	24 classes	- 367 alunos	
2º Grau.....			8.336 alunos
PARTICULAR- 7 escolas	- 133 classes	- 4.331 alunos	
ESTADUAL - 8 escolas	- 118 classes	- 4.005 alunos	

SUPERIOR.....	7.600 alunos
Instituição Toledo de Ensino.....	2.678 alunos
- Faculdade de Direito.....	1.564 alunos
- Faculdade de Serviço Social.....	288 alunos
- Faculdade de Ciências economicas e Adm.....	826 alunos
Universidade de Bauru.....	2.956 alunos
- Faculdade de Engenharia.....	1.102 alunos
- Faculdade de Tecnologia.....	589 alunos
- Faculdade de Artes e Comunicação.....	611 alunos
- Faculdade de Ciências.....	654 alunos
Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração - FAFIL..	1.609 alunos
- Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras..	1.501 alunos
- Faculdade de Enfermagem e Nutrição.....	530 alunos
- Faculdade de Música Pio XII.....	28 alunos
Universidade de São Paulo - USP.....	357 alunos
- Faculdade de Odontologia.....	200 alunos
- Pós graduação - mestrado, doutorado e espec.	157 alunos

TOTAL: 11 faculdades - 42 cursos

FONTE: Prefeitura Municipal de Bauru - Acessoria de Imprensa.

NÚMERO (Nº) E PORCENTAGEM (%) DE ESTABELECIMENTOS POR FAIXAS DE EMPREGO

Nº DE EMPREGADOS	CIESP 1985 Nº ESTAB.	%	CIESP 1987 Nº ESTAB.	%
Até 20	142	39,1	216	42,5
21 - 40	30	8,3	52	10,2
41 - 60	20	5,5	21	4,1
61 - 80	13	3,6	17	3,3
81 - 100	2	0,5	03	0,6
101 - 200	15	4,1	11	2,2
201 e mais	8	2,3	17	3,4
Sem informação	133	36,6	171	33,7
TOTAL	363	100,0	508	100,0

SINOPSE DOS DADOS CADASTRAIS E CENSITÁRIOS

CENSO INDUSTRIAL 1980		CIESP 1985	CIESP 1987
Estabelecimentos	322	363	508
Empregos	8.592	9.476	13.444
Nº médio de empregos por estabelecimento	26,2	26.1	26,5

ESTRUTURA ETÁRIA DO PARQUE INDUSTRIAL

INÍCIO DA ATIVIDADE	ESTABELECIMENTOS Nº	%	EMPREGOS Nº	%
Antes de 1970	90	17,7	6377	47,4
1970 - 1974	33	6,5	1513	11,3
1975 - 1979	68	13,4	2293	17,1
1980 - 1984	78	15,4	2178	16,2
1985 - 1987	51	10,0	794	5,9
Sem informação	188	37,0	289	2,1
TOTAL	508	100,0	13444	100,0

Fonte: CIESP (BAURU) Cadastro Industrial, Bauru - 1987.

BIBLIOGRAFIA

Cano, Wilson: RAIZES DA CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL EM SÃO PAULO, 2ª. ed., São Paulo, 1981, T.A. Queiroz Ed. - Capítulo 1, ítem 1 e Capítulo 2.

DESEQUILÍBRIOS REGIONAIS E CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL 1930-1970 - São Paulo, Global/Ed.Unicamp, 1965, Capítulo V.

SUBSÍDIOS PARA REFORMULAÇÃO DAS POLITICAS DE DESCENTRALIZAÇÃO INDUSTRIAL E DE URBANIZAÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO.

Cano, Wilson; Negri, Barjas, Gonçalves, Maria Flora: A INTERIORIZAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Relatório de pesquisa do grupo de economia urbana do Instituto de Economia da UNICAMP, 1987.

Cardoso de Mello, João Manuel: O CAPITALISMO TARDIO. São Paulo, - Brasiliense, 1982.

Gonçalves, Maria Flora; Semeghini, Ulysses: CAMPINAS : SEGUNDA METRÓPOLE PAULISTA ? CAMPINAS, 1987 (MIMEO).

Jornal da Cidade: Várias edições. Bauru 1987-1988.

Negri, Barjas: A INDÚSTRIA PAULISTA NO PERÍODO 1956/1980. Campinas, 1987 (Mimeo).

Negri, Barjas; Cano, Wilson: A INTERIORIZAÇÃO DA INDÚSTRIA PAULISTA NOS ANOS 70. Campinas, 1987 (Mimeo).

Semeguini, Ulysses; Pacheco, Carlos A.: ESTUDOS DE CASO DE URBANIZAÇÃO-CAMPINAS E ARARAQUARA. Campinas, 1987 (Mimeo).

Serra, José: CICLOS E MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA ECONOMIA BRASILEIRA DO PÓS-GUERRA. In. L. Belluzzo e R. Coutinho (orgs) " O desenvolvimento capitalista no Brasil - Vol. 1 - Ed. Brasiliense, 1982.

Tartaglia, José Carlos: A AGRICULTURA NOS ANOS 1960-1980. Campinas, 1987 (Mimeo).